



Obras completas de M. Teixeira-Gomes

Regressos

Miscelânea

Carnaval Literário

Londres Maravilhosa

e Outras Páginas Dispersas

 Obras completas de M. Teixeira-Gomes

Regressos

Miscelânea

Carnaval Literário

Londres Maravilhosa

e Outras Páginas Dispersas

N I M P R E N S A
N A C I O N A L

© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO



Obras completas de M. Teixeira-Gomes

Regressos

Miscelânea

Carnaval Literário

Londres Maravilhosa

e Outras Páginas Dispersas

Volume III

Coordenação

José Alberto Quaresma

Nuno Júdice

Prefácio

Helder Macedo

Imprensa Nacional
é a marca editorial da **INCM**

Imprensa Nacional-Casa da Moeda, S. A.
Av. de António José de Almeida
1000-042 Lisboa

impresnacional.pt
loja.incm.pt
facebook.com/ImprensaNacional
instagram.com/impresnacional.pt
editorial.apoiocliente@incm.pt

Reservados todos os direitos,
de acordo com a legislação em vigor.
© José Alberto Quaresma e Nuno Júdice
© 2022, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, S. A.



Conceção gráfica
Imprensa Nacional-Casa da Moeda
Edição

Diogo Morais Barbosa
Revisão

Filipa Oliveira

Paginação

Gráfica 99

Fontes tipográficas

Títulos Tribute | Frank Heine | 2003 © Emigre
Texto Minion Pro | Robert Slimbach | 1990 © Adobe Fonts



1.ª edição: dezembro de 2022

ISBN: 978-972-27-3062-4

Depósito legal: 502914/22

Edição n.º 1025791



Imagem da contracapa: Manuel Teixeira-Gomes (c. 1910), fotografia,
Officinas Photographicas, Lisboa. BNP Esp. N46/cx. 40

IN I M P R E N S A
N A C I O N A L

© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

PREFÁCIO

M. Teixeira-Gomes: a imaginação da memória

Recordar e imaginar são processos mentais muito semelhantes. Ambos incidem sobre o que não está a acontecer. As obras de M. Teixeira-Gomes incluídas neste volume situam-se num espaço ambíguo entre a imaginação e a memória. O texto que dá título ao conjunto designado como *Londres Maravilhosa* data de 1905, vinte anos antes do exílio durante o qual escreveu não só outros textos incluídos nessa coletânea mas também *Regressos*, *Miscelânea* e *Carnaval Literário*. Estes situam-se num presente sem previsão de futuro, enquanto que a Londres recordada em 1905 contém em si a expectativa de continuidade numa vida ainda por viver. Por exemplo, a quase surreal descrição das cabeleiras das mulheres inglesas exibidas em montras na Regent Street é uma deriva entre a visão erótica e a consumação do desejo. Mas em 17 de dezembro de 1925, Teixeira-Gomes partiu para um exílio que seria até ao fim da vida em 18 de outubro de 1941, com oitenta e um anos, solitariamente instalado num impessoal quarto de hotel em Bougie, na Argélia. Foram anos em que imaginação e memória se fundiram numa nova qualidade: a imaginação da memória.

Quase todos os textos recolhidos em *Regressos* foram redigidos cinco ou seis anos depois do início do exílio e reportam-se a mais de trinta anos antes, mas estão escritos como se o tempo não tivesse passado. São crónicas ou conversas de um antes, a acontecer agora: encontros com amigos, comentários sobre escritores, políticos, aristocratas, mulheres mais interessantes do que os maridos, viagens em Portugal, impressões do país

de onde partiu como se nele ainda estivesse. Por vezes deliciosamente irónico, em saudável má-língua, sempre encontrando um pormenor significativo, *Regressos* é um livro de convívio fácil, bem-disposto, e por isso tanto mais perturbador porque sem distância ou nostalgia. Como se estivesse mais próximo no tempo de *Londres Maravilhosa* do que de *Miscelânea* e *Carnaval Literário*. Estas duas coletâneas incluem cartas, especulações filosóficas e reflexões autobiográficas que emparceiram com as melhores obras literárias de Teixeira-Gomes e são fundamentais para o entendimento não só do exilado tempo presente da sua escrita mas também das múltiplas vidas que ele havia vivido de escritor, de político, de sensualista cidadão do mundo.

Em *Miscelânea*, numa carta de 1927, caracteriza a sua nova vida no exílio como a de um ressuscitado: «Saí de Portugal sem um livro, sem um papel, sem um apontamento ou nota; nada que, de longe ou de perto, recordasse o antigo literato ou político: abri na vida uma página perfeitamente em branco [...] olho para o céu, para o mar, para as montanhas, para a paisagem com a encantada curiosidade de um ressuscitado. [...] Vou consumindo, à semelhança de certos animais que hibernam, a própria enxúndia [...]. Note que eu era sonâmbulo em pequeno, e sempre tive, acordado, facilidade de desassociar a inteligência da sensibilidade. [...] O desdobramento da própria personalidade, em ator e espectador, posso-o provocar a meu bel-prazer; e sem o menor esforço, nos passeios solitários, se me arma o teatro da alma, o pano sobe, e a representação começa.» E noutra carta do mesmo ano, dirigida ao seu camarada literário António Patrício, torna implícita uma equivalência da sua situação à de Cartago, que já não existe na «paisagem onde o lugar persiste». Ele é o lugar que persiste, ressuscitado como ator e espectador no seu «teatro da alma».

O memorialismo de Teixeira-Gomes vai de par com o alucinatório e com o fantástico, e ambos com o seu entendimento dos mitos como «perenemente atuais», numa inter-relação que também aponta para a significação mais profunda de obras suas de aparência convencionalmente literária e de factual ou transposta referência autobiográfica: Perséfone em *O Sítio da Mulher Morta*, Galateia em *Maria Adelaide*, o alucinatório e o fantástico em *A Cigana*. Teixeira-Gomes, nessa carta a António Patrício, interpreta o desencontro de Orfeu e Eurídice no inferno como um conflito entre a realidade e a memória que relaciona a uma situação factual ocorrida consigo e que «dava para uma linda novela que só teria o defeito

da verdade parecer inverosímil». A verdade que pareceria inverosímil acontecera numa factual Sevilha quando, passados muitos anos sem ver a mulher que tinha sido o grande amor da sua vida, percebeu que ela estava sentada atrás de si num cinema e, sem se voltar, fugiu espavorido. E explica: «Quando os deuses, compadecidos das súplicas de Orfeu, lhe permitiram que fosse às furnas do inferno buscar a sua adorada Eurídice, disseram-lhe: “mas não te voltes para a ver porque a perdes”. E como é que a perdia; e como é que a perdeu? Achando-a tão mudada de feições e de expressão que já não parecia a mesma Eurídice que amara.» Disto também se depreende que a veracidade desse amor se transformara numa memória imaginada que, à semelhança de uma alucinação, corresponde ao que lá não está. Sendo assim, noutra carta a António Patrício, relaciona a sua «infetível memória visual, a que nunca fotografia alguma se pôde comparar», com ocorrências alucinatórias que tinha tido, comentando que «[e]m determinados espíritos a alucinação nunca significou sintoma de loucura; para eles, *ver é simplesmente imaginar* com intensidade. Nesses espíritos as ideias tomam facilmente a representação ou existência objetiva.»

Essa carta, datada de 1930, é também notável pelas relações que estabelece entre o erotismo, a representação da nudez nas artes visuais e o sentimento de totalidade recordado da infância, quando o seu jovem corpo nu mergulhava no tumulto das ondas: «Dentro de água, os membros soltos no líquido móvel e cristalino, pulsava-me o coração com tão seguro ritmo como se nele ecoasse a pulsação da vida universal...» Como entendida por Teixeira-Gomes, a sexualidade humana visa a uma holística experiência de «harmonia cósmica», que não pode excluir a representação estética dos corpos mas que não deve confundir-se com lubricidade: «Para aqueles a quem falta, na composição do sentido estético, a intuição da nudez pudica, não há conceção possível da carne sem lubricidade. Um efebo nu é sempre, no seu entender, espetáculo só apreciável a sodomitas. O corpo humano aparece-lhes compartilhado em zonas castas, impudicas e escandalosas.» A fundamental diferença entre lubricidade e sexualidade já havia sido sugerida, numa carta datada de 1928, num vívido contraste entre o Marquês de Sade e Santa Teresa de Jesus, quando caracteriza a alma do «patético Marquês» como «um infernal pocilgo fechado em açucenas e coberto de violetas» e a alma de Santa Teresa como um húmido poder vaginal capaz de se renovar a si próprio: «A alma de Santa Teresa! Oh misteriosa e recôndita flor de coral vermelho, que por si só seca e humedece!...»

Esta arrojada associação do amor místico à regenerativa sexualidade feminina corresponde ao sentimento de harmonia cósmica recordado da infância nas ondas do mar. O deleite narcísico pelo seu corpo juvenil iria incluir a apreciação estética de corpos sem distinção de género porque não divididos em zonas castas, impudicas ou escandalosas. Mas foi no feminino que o espelho de Narciso se transformou nos corpos do desejo.

Carnaval Literário é designado como «2.^a parte de *Miscelânea*» e, numa «Advertência preliminar», o Autor escreve: «Tão fielmente retratado me vejo neste livro que o ofereço aos meus amigos, como bilhete de despedida... para o outro mundo.» Esse fiel autorretrato inclui textos com um tipo de memorialismo semelhante ao praticado em *Londres Maravilhosa* e em *Regressos*; outros estão mais próximos da especulação filosófica do que do memorialismo e teriam podido ser organizados como ensaios; mas todos eles são relacionáveis tanto à temática de *Miscelânea* quanto à sua obra mais convencionalmente literária. Destes ressaltam os comentários sobre o «freudismo» e as manifestações do subconsciente e do inconsciente na mente racional. Em *Miscelânea* tinha escrito, numa referência irónica à sua «hibernação»: «Reabsorvida a própria enxúndia, entrevejo ainda a utilização do inconsciente. É o tesouro do literato que pretende ser genuinamente moderno: escutar o inconsciente e apanhar-lhe as “surpresas”. Pode suceder, porém, que eu encontre o inconsciente ainda mais pobre e árido do que o consciente[...]». O facto, no entanto, é que a mente racional de Teixeira-Gomes — para quem «*ver é simplesmente imaginar com intensidade*» — não precisou das surpresas do inconsciente para ser «genuinamente moderna». Certamente Teixeira Gomes não foi menos moderno do que o vinte e oito anos mais novo Fernando Pessoa no seu «drama em gente». Fernando Pessoa escreveu como vários para ser ele próprio; Teixeira-Gomes escreveu como se ele próprio fosse vários. O seu «teatro da alma» também inclui as obras de ficção escritas no exílio. Entre elas o conto *A Cigana*, sobre a alucinação de corpos intermutáveis, que antes de ser incluído nas *Novelas Eróticas* era uma carta a António Patrício, como outras publicadas em *Miscelânea*; e a novela *Maria Adelaide*, datada de dois anos antes de *Carnaval Literário*. O narrador de *Maria Adelaide* — um «cavalheiro medianamente culto, mas exuberante de vida física» — desumaniza uma jovem mulher reduzindo-a à mera fisicalidade. «É obra que só um velho conseguiria produzir», comenta Teixeira-Gomes numa carta de 1937 sobre a génese dessa obra, incluída em *Londres Maravilhosa*. Mas, até o que nessa ficção literária

possa coincidir com anteriores comportamentos do cultíssimo autor, o comportamento do ficcionado narrador seria a representação crítica de um «eu-próprio-outro» à luz do que, quase ao mesmo tempo, o mesmo autor escreveu em *Carnaval Literário* sobre a desumanização das mulheres.

No fiel autorretrato que disse ser *Carnaval Literário*, Teixeira-Gomes não só recorda a sua aliança com as marginalizadas sufragistas quando foi para Londres como o primeiro representante diplomático da marginalizada República portuguesa, mas também faz uma reflexão sobre a situação da mulher nas sociedades contemporâneas que, pelo seu radicalismo, seria um manifesto feminista se já então houvesse o que hoje se entende por feminismo. Partindo do pressuposto de que «antes da idade “patriarcal”» tinha havido uma «idade “matriarcal”, durante a qual se lançaram as grandes bases da civilização... altruísta», considera que «[o] facto, porém, é que no período patriarcal as mulheres passaram tratos de polé, e causa admiração que se não concertassem mais cedo para obter regalias e direitos iguais aos dos homens [...] uma das consequências de maior alcance social, a esperar da independência da mulher, fundada na sua educação científica, é que ela possa escolher o momento mais favorável para o exercício (digamos assim) da maternidade, produzindo, portanto, seres viáveis e menos perigosos, e corrigindo de algum modo a indiferença criminosa do homem, o qual, sífilítico, tuberculoso, alcoólico, etc., procria a trouxe-mouxe, sem se preocupar com os possíveis resultados funestos do seu desleixo.» E, de uma perspectiva que remete ao que havia sugerido, em *Miscelânea*, sobre o encontro de si próprio na sexualidade feminina — e portanto em sentido oposto ao redutor comportamento masculino representado em *Maria Adelaide* —, acrescenta: «Quanto a mim [...] a consequência principal da superioridade da mulher, e da sua libertação, consiste em dar ao amor maior intensidade; a mulher fácil, a mulher escrava só incita à mera satisfação do desejo sexual [...]».

A obra de M. Teixeira-Gomes não pode ser parcelada em compartimentos estanques. Vista no seu conjunto, como cumpre fazer, é uma inovadora construção literária para a qual ainda não havia — e porventura continua a não haver — designação adequada. O memorialismo criativo — a imaginação da memória em *Londres Maravilhosa*, *Regressos*, *Miscelânea* e *Carnaval Literário* — é o cimento que unifica a sua prodigiosa diversidade.

Helder Macedo







N I M P R E N S A
N A C I O N A L

© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

LONDRES MARAVILHOSA
E OUTRAS PÁGINAS DISPERSAS

Coletânea, notas e posfácio de Castelo Branco Chaves

N I M P R E N S A
N A C I O N A L

© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

LONDRES MARAVILHOSA
FANTASIAS SOBRE UM TEMA INFINITO

(fragmento)

De qualquer outra cidade é fácil obter e guardar uma ideia arranjadinha e concreta, que nos dê aproximadamente e suficientemente o seu perímetro, a distribuição dos seus jardins, dos seus monumentos, consentindo-nos e incitando-nos a reconstituir, em imaginação, itinerários que nos levem por aprazíveis sítios preferidos, e criar ou reviver cenas, às quais a exata reminiscência da «cor local», alfombrando a topografia certa, ajunta muito de interessante e de gostoso.

Por lá se nos espaneja, alegre e toda catita, a rançosa, engelhada este-sia... O romancezinho de sempre, para onde pende a nossa imaginativa, e no qual se esvai, com fútil, se bem que as mais das vezes inconsciente, empenho nosso, o melhor dos nossos espíritos, ajeita-se ao conchego dos acanhados limites.

Ensanchá-lo, a esse romance pobre, até à confusão, ao inverosímil das indeterminadas barreiras, onde é de crer que deva ter fim a monstruosa aglomeração humana que se chama Londres, amaruja, sobressalta, desconsola, apavora!

Londres surge lá muito do fundo tenebrosíssimo de um pesadelo mortal...

Enquanto a enfeitada Paris — modelo de todas as demais marafonas modernas — só cuida de nos chegar aos lábios os bicos, ungidos de capitoso mel, das suas tetas sovadas mas engrinaldadas, Londres agressiva, caliginosa repele-nos com fereza e brutalidade, e o que, na primeira

destas capitais, é um contínuo e suave sugar de vampiro, debilitando e matando com remissíveis blandícias, é, na segunda, uma sequência de torções violentas, ao sabor de cujas investidas fácil é que se nos inutilizem, irremediavelmente, todos os membros, com seus músculos, ossos, tutanos e nervos.

Isto, ao primeiro relance de olhos pelas mais evidentes aparências, como pano de amostra tecido na iniciação reflexiva de quem possua o costume, o gosto e a habilidade de ver.

Continuando em experiências, a Paris apetecida, a Paris do gozo e da arte, perde logo quanto fingia e proclamava em mistério, carácter e unidade, para se esfarelar nas pequeninas cabalas das gentes solertes... Paris envelhece, tartamudeia e baba-se...

Mas a outra, não. Na sua descompassada animalidade, na sua imensurável depravação, na sua pujantíssima braveza, a outra por irreatíveis, instantes subjetivações — necessárias à sua compreensão, pois que as visões concretas desfaleçam, falhem — ascende às colossais proporções de uma ignota entidade mitológica, que tombou crivada de feridas, e ficou a revolver-se, a escabujar no lodo e no sangue, cavando, inflamando, com o gume das unhas, no seio da terra, uma imensa, insanável chaga, de que o mundo inteiro sofra.

Nos seus arrebiques, como nas suas arguciosas pesquisas, Paris tudo entende espiritualizar e tudo por lá resulta matéria; em Londres a imensidão da matéria só pode ser sentida por espiritualizações delicadas.

Toda a gente gosta de discreitar a respeito de Paris; eu prefiro lembrar-me de Londres...

Lembrar-me da Londres melancólica de sempre, mas, sobretudo e agora, ao espedaçar a primeira teia dessas espessas névoas por onde o pensamento se me extravia, lembrar-me da Londres desvariada de certos dias...

Por ali me encontrava eu quando foi o «jubileu de diamante» da excelente (darei nossa?) Rainha Vitória, celebrado, como sobejamente se sabe, pelos ingleses, com manifestações da mais atrevida arrogância, à face algo mortificada das Potências que simulavam não lhes perceber o sentido.

Estas Potências que se andam continuamente a borrar nas pantalonas estranharam, pela boca torcida dos seus mais reputados publicistas, os extravagantes escarcéus daquele povo todo no seu louvor aos merecimentos

da sua Rainha, na qual elas, Potências, somente viam uma velhota burguesa, ainda não por completo emparvoecida.

Mas já não sabiam onde ir desencantar príncipes e generais para lhes meterem no cortejo. E no dia próprio lá ia a velhota de olho vidrado e beijo caído, açaçapada à sombra do guarda-sol preto, levando a rasto, e de envolta com vassalos e criados, tudo quanto a *Európa* tem de mais seleta e refulgente, que parecia — como diremos? — um pequeno papagaio de seda negra com desmesurado rabo de oiro e pedrarias.

A tal brincadeira carnavalesca, e isso é que importa, chamou a Londres muita força de forasteiro, muita criatura exótica, tipos de toda a parte do mundo, enriquecendo-lhe ou esmaltando-lhe os seus seis milhões de caras de todo o ano, com mais um ou dois milhões de figuras estranhas ou desusadas.

Aquele mês de junho foi uma loucura pegada para toda essa gente, com febre que escaldava, e rematou no delírio de três dias e três noites passadas na rua, a urrar.

O grandíssimo desatino, então, começou quando a Rainha, que chegara do campo, veio à janela do seu palácio, lá muito longe da gente, e por detrás dos vidros, como quem tem muito medo de se constipar, acenou com um lençinho branco ao seu povo...

A multidão trasbordou não sei donde e, bem comparada a um abundantíssimo rio que sai do seu leito, alagou a cidade. Em aluvião caudalosa alcançou-lhe os pontos principais, com ímpetos de insuperável corrente, não sofrendo obstáculos, remoinhando à entrada das praças, estorcendo-se, estrangulada, no aperto das ruas, e arrastando consigo os gigantes fardados que intentavam «fazer polícia», e iam na enxurrada, à tona daqueles mares de humanas cabeças, agitando os braços, como se tivessem *perdido pé*.

De uma vez também a cheia me colheu a mim, diante de Charing Cross, à entrada da City.

Eu saíra da hospedaria pela porta da estação, e dali caminhara direito ao Strand, mas já envencilhado num tirão de gente que ora avançava, ora refluía do pátio de Charing Cross, ao tempo quase todo obstruído pelo gigantesco anfiteatro da «agência Cook».

A onda humana ia grossíssima no Strand, e os que vinham de Charing Cross só a muito custo, e a largos intervalos, conseguiam rompê-la, investindo-a de roldão. Mas prontamente absorvidos, logo perdiam qualquer

veleidade de resistência, e seguiam à mercê da corrente, sem movimento próprio, cuidando apenas, durante as frequentes revessas, de lograr salvamento por lobrigadas, quiméricas, jamais alcançadas saídas, ou de garantir os ossos contra algum fatal embate no ferro dos candeeiros e nos relevos das paredes.

Essas multidões, que passavam, assim, em crespas levadas, careciam evidentemente de elementos aristocráticos, e abundavam naturalissimamente em *motivos* populares. Mais livres, por conseguinte, mais francamente rebeldes, mais desgarradamente subversivas da ordem e da moral...

Entre o roubo e a lascívia...

Na estreita junção de tanto corpo tépido, a vontade cedia, e o frémito sensual dos primeiros, leves contactos, depressa, uivando, urgia apaziguamento.

Mas exacerbava-se, redobrava, enfurecia-se, generalizava-se. Os nervos de toda aquela gente vibravam ao mesmo diapásão de luxúria acerba.

E a violência fazia-se ainda mais ativa, e esboçava quadros mais inverosímeis do que nas aberrações do sonho. Perto de mim vi eu uma delicada rapariguinha de dez anos — se tanto — quase desmaiada, o cabelo solto, os lábios roxos, ir passando de mão em mão...

Nela se refastelou e se refocilou um denso grupo de alentados meliantes. Dois deles disputaram-na a soco por cima da cabeça de certo cavalheiro, baixinho e nédio, que parecia ter perdido o uso das mãos, enterrado como estava até aos gorgomilos. A cartola deste senhor foi-se com um murro, mas, caso milagroso, girou sozinha e rápida sobre a ondeante multidão e, após várias gravitações, voltou, ainda por si só, a pousar-lhe na cabeça. Da rapariguinha é que eu não soube mais...

A estreita fachada da Igreja de Santa Maria, que se levantava a meio do Strand, toda embandeirada, como a proa dum barco, dividiu a vaga humana; o cardume a que pertencia o tal grupo de malteses encanou para a esquerda; eu segui pela direita.

Quando me soltava, na vizinhança de S. Paulo, verifiquei que levava quatro horas a andar um caminho no qual ordinariamente se gastam trinta minutos escassos.

Durante esse mês de junho tão-pouco me largou também a mim a febre de que sofria a cidade inteira, amarfanhando-me o espírito, com alternativas e rebates bem singulares, de excitação e de abatimento, ora

estimulando-me por entranháveis alegrias, só próprias de quem se confiasse no encontro próximo, certo, da felicidade, ou dobrando-me à prostração nervosa de quem se vê, a cada passo, frustrado nas suas mais cobiçadas miragens.

E sempre falho de iniciativa ou vontade própria, incapaz de tomar rumo fixo, sem léu para nada e perdido, sozinho, vagabundo na imensíssima cidade.

Conquanto absolutamente desocupado e livre, voava-me o tempo sem que lograsse dispor dum momento sequer para atender às mais simples e urgentes necessidades da vida corrente. A minha ociosidade enlevava-se na agitação do fantasmático formigueiro que me cercava.

Custava-me crer que o tempo, ali, chegasse para acudir às tão múltiplas obrigações da vida civilizada, e havendo a transpor tão grandes distâncias, como seria possível cuidar de negócios, cumprir com os apertados deveres sociais, não esquecer a família, evidenciar a piedade, filantropar, satisfazer a luxúria, acoitar, disfarçar o crime, e tudo em teatro tão disperso, por bairros tão longinquamente opostos, ao desbagulhar das horas tão duramente marteladas, no tropel das sensações, no empecilho dos sentimentos...

A minha ociosidade escutava, complacente, o alarido daquela batalha que se embravecia, para a tarde, e feria golpes tremendos na cerração da noite. Mas não sem que, amiúdo, a vertigem me entorpecesse os nervos, ou sem que, agoniada, se me retraísse a sensibilidade.

Decidia então viver vida à parte.

E acordava firme na resolução de me deixar estar quieto; comer, escrever, beber (filosofar), visitar miudamente os museus, acolher-me à serena imbecilidade dos meus eminentes, elegantes amigos — quem é que não tem eminentes amigos? —, furtar-me à lama da rua que a onda do povo deposita...

Mas qual! A rua logo me pervertia as mal acatadas resoluções, ao calor daquela magnífica, ilimitada vida que ressuma das multidões anónimas, e era, ávido de a sentir, ali, muito mais rija e muitíssimo mais ampla do que em nenhuma outra parte do mundo, essa truculenta vida, e ansioso de nela me envolver, mergulhar, afogar, que eu me lançava, quase desesperado, pela cidade fora, e a cortava em todas as direções, sem norte, sem bússola, ao sabor das vacilações dum imaginário fito inconstante, ou trepando ao tejadilho dos ônibus, ou sumindo-me nas estações subterrâneas

do metropolitano, ou resvalando, no polido asfalto, à rápida, suave impulsão dos *cabs*.

E sempre embebido no espetáculo de tanta gente rara e diversa, dum tão aberta animalidade, tão geralmente livre da somítica, exclusiva preocupação das atitudes e meneios, guardando tanta ingenuidade e alcançando um tão mordente pitoresco nos seus movimentos.

Muitas pessoas há capazes de levar horas esquecidas na contemplação dum gato que brinca; as feras humanas, grandes e pequenas, oferecem-me motivo de muito mais interesse. Nunca Londres me interessara tanto!

Aguilhoava-me até o desejo de voltar ao odioso tabaco para, cachimbando, sozinho no meio de semelhante chusma, buscar a ilusão de um menos completo abandono, e excitando-me nas baforadas do seu fumo, saborear à maneira inglesa — com moldes do Dickens e alinhavos do Thackeray — a desfilada de caras tão generosamente sugestivas da escala perfeita, em todos os tons, dos nossos mais raros sentimentos, desde aqueles que entenebreçam o trágico podre, aos que se adelgaçam no cómico pungente.

Mas empapava-se-me o peito de tristeza, remate sabido desses dias desvairados.

As melancolias do Norte prendem-se à alma por indecisos constrangimentos, que se não localizam, e afloram em tormentosas saudades...

Saudades pelas quais revertemos a bem remotas origens, até ao carinho dum peregrina poesia, rara no mundo, mas realmente a mais sentida que existe, a mais bela, embora, decerto, desconhecida em Londres.

Eu não falo de poesias literárias, como essa, inconfundível por incojetável — supremo, capcioso, ilusório exemplo —, do *Inferno* do Dante, artística em demasia, de sublime composição, toda embalada em rítmicos movimentos plásticos; não é isso... mas uma outra voz bem diversa, que eu não sei exprimir, e cuja imprevista carícia, às vezes, me faz desmaiar o coração.

Deus concedeu às mulheres de Londres o privilégio duns lindíssimos cabelos, fartos, todos feitos de delicados fios de fina seda ondeada, que, soltos, se adamascam de mordentes reflexos. Há-os, ali, de uma incomparável magnificência!

E para que a tal respeito não fique dúvida alguma, basta subir pelo passeio esquerdo de Regent Street, parar em frente do último cabeleireiro que se encontre antes de Oxford Circus, e contemplar no seu escaparate

a exposição desses mantos deslumbrantes em que três misteriosas criaturas, ajoelhadas e vistas de costas, se envolvem.

Misteriosas!, pois como resvalou ao enxovalho da almoeda uma opulência tal?

O primeiro daqueles mantos é de seda frouxa tecido de imponderáveis fios, alisando-se como cetim cinzento, onde desmaiam reverberações pálidas de prata, e amoldando-se-lhe aos relevos do corpo, com vida própria, com ternura, com o cingir ansiado de quem se dói da separação próxima. O outro levanta-se, no alto da cabeça, divide-se e encurva-se como as pétalas dum lírio de oiro, coroando-a imperatriz de impreteríveis quimeras; depois desgrenha-se-lhe sobre os ombros em crespas línguas de fogo, e rutila em fusão, abrasando-lhe as costas com ressurgentes clarões. O terceiro é todo negro, tenebroso, estranho, serpentino; retorce-se em extravagantes, arrebatadas curvas, ou resume-se e estagna em dolentes madeixas; idealmente aéreo no conjunto, sobressaem-lhe relevos quase maciços, e rematando, abre-se em círculo de agudas pontas, como panóplia invertida de reluzentes alfanges...

Essas cabeleiras renovam-se amiúdo, como seja sempre fácil encontrar-lhe colocação, suprimindo e reparando as faltas e avarias da idade ou do vício, em touços de senhoras abastadas.

Presenciei uma das diabólicas transações, na qual figuravam: certa dama de despropositado volume e cara de morango azedo, o amaricado dono da loja, e a mofina dona da cabeleira ruiva.

Eu andava namorado, precisamente, havia dois dias daquelas rubras serpentes — que me seria tão doce sentir enroscaem-se-me nos braços nus —, e fui, justamente, assistir à sua morte!

A soberba dama inglesa, levantada sobre a roda imensa da sua saia de chamelete pardo, despedia chispas das mãos roliças, cravejadas a pedraria, e como se dirigisse do alto duma torre o suplício de outra ainda mais desditosa Maria Stuart, mandou que lhe cortassem os doirados cabelos. A vítima ergueu um dos braços e nele escondeu o rosto, quando o aço da tesoura lhe começou a morder, silvando, as fulgurantes madeixas. Insistia a outra por que lhas cortassem bem rentes...

Sim, não oferece dúvida, em Londres é que se veem os mais formosos cabelos do mundo inteiro, e era com uma dessas prestigiosas comas — mas domadas ao gosto da moda nos moldes do penteado grego — que a menina inglesa, extremamente gentil, por detrás de quem o acaso me colocara,

no concerto do Sarasate, me tirava a luz dos olhos, e me açambarcava a atenção que eu deveria consagrar, ciosamente, à música.

A música, porém, é que se lhe não prendia aos cabelos, e vinha pouco a pouco despertar-me, nos mais abandonados recessos da memória, umas amortecidas, distantes, deliciosas sensações colhidas à luz de um outro sol, e que pareciam agora perfumar-se e condensar-se e reviver ao calor tão suave que se me insinuava na alma, pela presença da minha linda vizinha.

Era um relancear de olhos às mais cativantes clareiras do passado, e nas composições do artista percebia eu, maldisfarçados, se bem que sabiamente aproveitados, certos cantos espanhóis, com os quais o moço de bordo nos faluchos andaluzes, e o pegureiro nas cumeadas das Alpujarras embalam as saudades e afogam as tristezas. Música dolorida que se não canta com a voz, mas à força de fundíssimos suspiros, soltos do coração no borbulhar das lágrimas; lágrimas atávicas, pressentidas de todo o sofrer humano, que fazem rir da grande experiência dos poetas velhos.

Mas semelhante poesia nem é inglesa, nem vem do Norte; é talvez uma desgraça, um castigo, um malefício, de que só padecem raças de outras latitudes...

Que assim seja, no entanto, o cenário da grande cidade convém a todas as dores, até às máximas tragédias, aquelas, de preferência, que minam as almas solitárias, as misérias desamparadas.

Para que o «inconsciente» retoice à larga nas pradarias da tristeza, para que refuljam os clamores esquecidos, para que o coração regurgite dos males e das angústias alheias, para fugir às unhas da ironia vil, para conspurcar o louvado vício de caricaturar o homem, para vomitar o fel da inveja, para tecer o manto pardo mas carinhoso da «piedade», em horas de gélido abandono, Londres, só Londres no mundo, e esses cais ao longo do Tamisa, em noites de revolta, de crime, de pavor, quando o nevoeiro nos bate pela cara em rolos de crepes que o vento arrasta, e ali onde as trevas são mais densas, fosforescem os olhos dos assassinos...

A cerração abafa a água, e do rio que sufoca ouvem-se bem estranhos murmúrios de aflição, levíssimos latidos, e tão humano soa por vezes o doloroso queixume, que parece vir de envolta no vagir de criancinhas agonizantes. Debaixo das pontes, entre os cilindros crassos dos pilares de ferro, nas panças entumecidas dos pilares de pedra, os bicos de gás choram uma luz roxa e pingam dentro das esferas de névoa como tochas de cera e sangue.

Então as palavras retomam o seu forte sentido original, e se na mente relampeja qualquer expressão de terror e que a boca traduza: morte!, são horrorosos de ver os quadros que a imaginação engendra.

Palavras! Há-as que surgem a modo de espectros, dos mais fundos escaninhos da alma, e acodem aos lábios numa tão hedionda sensação de susto, que a carne nos treme toda...

Foi por uma noite assim, de alheação, penosa, o pensamento alisado de negro, e a vontade frouxa, solta, lassa — como fogem as rédeas das mãos do cavaleiro cansado —, que a fortuna me deparou o judeu Simão, comendador de Cristo.

Junto ao Palácio Somerset cantavam-se malaguenhas; mas de repente a guitarra repenicou o fado. Não restava dúvida, era o fado! Movido num tema monótono, desenrolava a estreita faixa de arabescos geminados. Depois lavrou o arrendado das variações, com as cadentes notas molhadas e sorvidas, e o rabiari das agudas espirais sonoras em volta dos espasmos sexuais...

Encolhendo os ombros — Alfama na City! — me fui para o grupo dos que ouviam. Dentre eles, vacilante, quase a despegar-se do alto rolo duma sobrecasaca esfarrapada, avultava a cara, em massa de pão cru, de feições enfarinhadas e murchas onde fuzilavam dois olhos de rufião napolitano, que era a aparência do judeu Simão, comendador de Cristo.

Lobrigou-me, e sem demora:

(*Atrevido*) — O senhor percebe a música?

— Percebo.

(*Curioso*) — Mas sabe que música é?...

— Sei...

(*Inquieto*) — É português?

Sou.

(*Insistente*) — De que província?...

— Algarvio...

(*Melancólico*) — Também eu...; quero dizer, eu também quase que sou...

— Melhor!...

(*Humilde*) — Importuno-o?... —

— ... não...

(*Extático*) — Ah!, eu adoro o fado... nunca se escreveu um lamento assim... (*Com autoridade*) Compare o choradinho asmático do Chopin,

e por entre o cascalho do Liszt os gemidos do húngaro... que inteligência! (*Enfático*) O fado! Raro se topa, mesmo nos desvarios sinfónicos do Schumann, com ritmos tão intensamente tristes. Só o Beethoven cavou mais fundo no incomparável tema... (*Familiar*) É curioso, pois não é?, que o Wagner, tão repassado de humanidade, o não aproveitasse... Os russos agora... (*Impertinente*) O cavalheiro é músico?...

— Não senhor.

(*Desenvolto e serpentino*) — Ainda bem. A música é a mais reles de todas as artes; atua nos nervos à semelhança dos preparados farmacêuticos... Toda a escorralha humana é sensível à música, e até os cafres cantam afinados... (*Meditando*) Mas a sociedade exige zabumba, e justificam-se talvez assim os maus-tratos que o meu hospedeiro inflige à mulher, cuja inaptidão para a música é extrema... Imagine que a infeliz, pudenda, escocesa e desdentada, não dá um dó natural. E como se isso não bastasse, está agora desafortadamente grávida... O marido põe-na nua no meio da casa, pendura-lhe uma lanterna acesa ao umbigo e dança-lhe à roda, horas e horas, tocando pífano. Julga insuflar assim ao feto o sentido musical... (*Obsequioso*) Consinta o cavalheiro em ver uma vez o apreciável espetáculo... (*Magnânimo*) Garanto-lhe as necessárias comodidades: cadeira de costas com todos os seus pés inteirinhos. Há um pequenino postigo na porta do meu quarto que abre para a sala dos divertimentos — a câmara nupcial — e também se executam números novos, quando se ajunta público. Não se usa peditório. Venha uma noite, e por Siva lhe juro que se não arrepende. Caso falhe o espetáculo, leio-lhe o *Kama Sutra*, cuja tradução me ocupa os minguados ócios. A propósito: já esteve nos Himalaias?

— Ainda não.

(*Sentencioso*) — Diligencie não morrer sem dar esse passeio: ali, na Índia, a paisagem desorienta, os monumentos assombra, e o povo encanta pela sabedoria dos humildes que fogem à realidade dos sentidos, como do mais grosseiro dos enganos, e se acolhem ao sonho, único asilo da verdade... (*Irónico*) Não por isso os admiro mais, mas tão-somente porque escreveram o *Kama Sutra*, meu guia e minha bússola... (*Exaltado*) Eu vivo pelos sentidos e só percebo a vida escravizada à Luxúria. Como tudo anda falseado graças ao tolo orgulho do homem! (*Subtil*) Urgia averiguar, sobretudo para lição deste presumido povo inglês, se o prazer intelectual que resulta da consciência de uma digestão perfeita se avanta ou não

ao prazer intelectual alcançado na leitura da melhor peça do Shakespeare, embora feita nas projeções do mais potente de todos os cérebros... Arrogasse o rei dos animais bem mais prestígio do que merece, e postas as coisas no seu lugar, não vejo que a morte duma mosca em compota de pêssego seja menos trágica do que a do duque de Clarence no tonel de malvasia... *(Com afetada humildade para corrigir o meu bocejo)* Mas deveras não sei se o estou maçando... *(Familiar, batendo-me no ombro)* O cavalheiro inspira-me real simpatia. Desejava ser seu guia nesta Londres maravilhosa, a qual, insisto em dizer-lho, só começa a ser cabalmente interessante depois da meia-noite, quando meia dúzia de miseráveis superiores toma posse dela. *(Insolente)* Lamento que a nímia limpeza do seu traje me iniba de o apresentar agora mesmo a algum desses amigos com quem me vou encontrar em Blackfriars... Mas decerto nos veremos ainda, pois não?... *(Disparando, rápido)* O cavalheiro empresta-me meia libra?... *(Teatral)* Ah!, o oiro! É a luz mineralizada e... a mola real da vida... Quando, arrebatada pela cólera, a derradeira fada partiu a sua varinha de condão em milhões de bocadinhos e os espalhou pela terra... estava criada a libra esterlina. *(Atirando ao ar a moeda que eu lhe dera, e colhendo-a com presteza de prestidigitador)* Adeus! Até mais ver... Na ponte de Blackfriars, às terças e sextas, depois da meia-noite. *(Chasqueando)* Olhe que os miseráveis são em Londres o que há de mais digno de estudo...

Apetecia-me agora discorrer acerca dos miseráveis de Londres, mas — quem é senhor da própria vontade? — outros miseráveis, que eu conheço ainda melhor, saltaram-me a memória, e a eles vou: em matéria de pobreza, Londres está por toda a parte...

Na minha terra, que não é nenhuma Londres, nem muito menos — enterremos a esfalfada graça da naturalidade de Homero, a fim de forrar aos povos futuras perplexidades: chama-se Vila Nova de Portimão —, mas onde se exercita a caridade em larguíssima escala, há miséria em barda.

Para lhe acudir, no intuito de, até certo ponto, a remediar, várias famílias abastadas reúnem defronte de suas casas, aos sábados, os pobres pedintes que queiram ou possam aparecer, e distribuem-lhes moedas de 5 réis: uma por cabeça. Ordinariamente cada pobre arrebanha, nesse faustuosíssimo dia, os seus 35 réis.

Mas não sem trabalho, porque muitos deles vêm do campo, de bem longe, e a algumas casas ricas não desagrada tê-los tempos infinitos, todos

juntos, diante da porta; a piolhosa afluência de farrapos é expressiva tabuleta que está berrando: «casa grande dá esmola ao sábado!» Um barão nada conspícuo, mas ansioso por ser visconde, demora sempre a pobralha duas horas, que chova ou que vente ou escalde o sol; por fim sempre de lá vem — honra lhe seja — a moedinha de 5 réis, ou de 10 réis, dando o pobre o troco.

Duas ou três das boas famílias da terra não dão esmola ao sábado: dão à segunda-feira. E com muitíssima razão, primeiro porque o sábado é dia festejado entre os judeus, impróprio portanto a que nele se exercite a caridade cristã, e depois à segunda-feira a caterva dos pobres diminui. A muitos destes não vale a pena vir de tão longe só por causa de três ou quatro moedas de 5 réis; aos sábados andam por cento e vinte e tais pobres, e à segunda raro passam de oitenta, o que, para quem entende de contas, representa uma economia anual de 10 400 réis.

Certos cavalheiros portimonenses, em quem a inteligência e o engenho correm parilhas com a esplendidez, imaginaram até combinar com outros cavalheiros dos povos circunvizinhos, tão liberais e argutos como os primeiros, um dia fixo para esmolar em toda a região, evitando assim que, *verbi gratia*, os pobres de Lagos viessem a Portimão, e vice-versa.

Afortunadamente gorou o judicioso projeto, de modo a tolerar que os hebdomadários ajuntamentos da pobreza continuassem, na minha terra, tão copiosos como dantes, e merecedores da atenção, já não digo de embuchados filósofos aruspícinos, mas da aguçada curiosidade dos ignorantes sentimentais.

Semelhantes reuniões, louvado sejais, Senhor!, não envergonhariam cidade alguma do mundo, entre aquelas mesmo que disputam a palma do progresso e da civilização.

Isto — haverá quem pense — digo-o eu, abusando, algo, quiçá, desse cetro que nas mãos do homem Deus meteu ao coroá-lo «rei da criação» — o qual cetro se chama escolasticamente «poder de generalizar». Pois não senhor, que nem as Petersburgos, as Vienas e as Berlins ostentam mais seleta coleção de figuras exorbitantes.

Seja esse um ponto discutido, o que me desculpará de não esmiuçar no forte da pobralhada, onde no entanto avultam: o atlético, majestoso velho, de barba encanecida — exemplar muito antigo e até um pouco gasto, trazido da tragédia antiga —, que, tentando o espaço com a ponta do bordão, caminha altivo e impassível, erguendo ao céu os olhos que

já não veem, olhos que intumesceram e se soltaram das órbitas, e empederniram com as dimensões, a cor e a forma de dois ovos de pata. E a corcovada, microscópica velhita, açafata pelitrapa, que para nos mirar abre com dois dedos, num gesto impertinente — como de quem deseja assestar no público o imaginário monóculo —, as pálpebras paralíticas, etc. Estes, dê-se-lhes a tinta que se lhes der, resultarão sempre tipos de... comédia.

Mas de primeiríssima ordem, suas excelências os senhores leprosos. Há tantos, tantíssimos, lá para os meus sítios, desses magnates da desgraça!

E eu privo com quase todos. Muitos conheço-os de pequenos, e a um deles segui, proveitosamente, nas fases e progressos do seu mal. Vi-o jogando ao belindre com os outros mocinhos da rua, tão alegre e travesso como os seus companheiros, quando a pele do rosto, desmaiando, se lhe começava a encrespar de lentilhas cor-de-rosa; vi-o, depois, ao enraizar o mal, obscurecer-se-lhe o olhar no desalento das mortais melancolias; hoje vejo-o... mas já o não reconheço, pois que se lhe apagaram as feições, e se fundiram em um tecido gordo, amarelento, assim de enxúndia de galinha, onde brilha frouxamente o vidro fosco dos seus olhos, olhos que ele desejaria cerrar, à semelhança da outra gente, quando lhe dói o pudor da sua malvada deformidade, mas embalde, porque se lhe desfizeram também as pálpebras...

Mas este já não concorre às festas sabatinas. O grandíssimo inchaço dos pés tem-no preso em casa, e quase que o soldou ao chão vai para um ano. Nesta primavera, iludindo a vigilância materna, consegui acomodar as elefantinas extremidades nuns sapatos que, do espólio de certo gigante morto durante a feira, a mãe lhe trouxera para festejar os seus quinze anos — saiu e foi-se deitar da ponte abaixo. Mas logo o pescaram — e quem, ao pensar em tal, não uivará de raiva? — a tempo de o restituírem ao martírio da sua vida.

— Porque te querias tu matar? — perguntei-lhe.

— Porque eu já não sou gente — respondeu.

Quem sabadeia infalivelmente de porta em porta é a mulher da lepra seca, esqueleto ambulante, andando às corridinhas, por maquinismo, e a verem-se-lhe os ossos furar a chita puída da saia parda. A moléstia comeu-lhe todos os dedos: ela move-se nos cotos dos pés, e com os cotos das mãos enxuga duas lágrimas rebeldes que, dos olhos quase sumidos, perpetuamente lhe escorrem pela caveira abaixo.

Outro há — esse, a meu ver, Sua Majestade el-Rei de todos eles — que também não falta. As insígnias bem patentes da sua realeza, a sua briosa compostura, seu andrajo roçagante, seu enfunado gesto conseguiram impor-me tanto respeito que nunca me atrevera a encará-lo bem. Adregou fazê-lo um dia, quando na Igreja de Ferragudo o vi querendo soltar-se do aperto em que, à voz de «fogo», o pânico enovelara a multidão, levantar sobre a musgosa cabeça as mãos lastimáveis, as mãos da sua miséria. Preciosa comparação!, elas lembravam dois razoáveis ananases, em cada um dos quais se houvessem tanchado cinco bananas muito maduras e descascadas...



Mas arrefece-me ainda agora o sangue, à lembrança do olhar que me cuspiu, crivando-me a alma de remorsos, a lívida visão de Piccadilly. Fiquei estarecido, e quando me roçou pelo fato a gélida humidade dos seus farrapos, a cujo contacto foi impossível fugir, mal tive força para, suplicando, balbuciar: «Perdoa! Olha que eu não tenho culpa, não tenho culpa...»

Tinha culpa! Nesse momento o manejo evocador duma formosíssima meretriz, provocadora, diligente e vigilante, trouxera-me ao pensamento aquela figura do Acropolis arrancada ao Pártenon que representa não sei que deusa desatando a sandália — Niké, a deusa da Vitória. Nela estatuiu o Fídias uma das aparências definitivas da beleza feminina.

É um corpo serpentina, de virgem vigorosa, todo — mas miudamente — patenteado sob as pregas da subtil túnica de linho, a cuja vista se nos afoga o coração em sensualidade. Vazava-se-me a imaginação nos moldes do desejado modelo, em seios titilantes, opulências de quadris, e dilatações de luzentes coxas lisas...

Era injustamente, impudentemente feliz, e tão culpado que pouco me pesou o destroço feito no meu ídolo, quando o olhar desapiedado da miséria me desligou a alma daquela artificiosa imagem, para dar lugar à realidade entenebrecida...

1905

DIÁLOGOS IMPERTINENTES

... Sr.:

Acedendo ao seu desejo, envio-lhe a recopilação de alguns dos meus colóquios com o Dr. Cipreste, de que pude ainda lembrar-me. Como V. verificará, ele era até certo ponto um discípulo dessa levantada figura nacional, o conselheiro Acácio, a quem se está fazendo a justiça devida: as suas mais famosas sentenças figuram já nos «lugares seletos» oficiais para as leituras da mocidade estudiosa. O Dr. Cipreste, porém, excedia, e muito, o mestre, em erudição e cultura; era o mesmo espírito mas dilatado, ampliado pela ciência e pela filosofia e não será de mais considerá-lo como um Acácio colossal, sublime.

Sucedia-lhe de quando em vez soltar dos lábios, à mistura com as mais percucientes agudezas, uma ou outra banalidade, que V. facilmente discriminará, levando-a à conta da inevitável fraqueza humana: *aliquando dormitat...* (quase não ousa dizer *Homerus*, por achar pouco). Porém, o que sobretudo desejaria marcar nitidamente, no decorrer destes diálogos, é a linha da extraordinária evolução por que passaram as ideias do Dr. Cipreste; difícil seria encontrar exemplo de metamorfose mais rápida, radical e completa, de internacionalista fogo a fascista encarniado...

Quanto à familiaridade com que o trato, e que parecerá estranha entre o modesto empregado da Fazenda que sou e o ilustre professor que ele era, recordo a V. que nos relacionámos nos duros tempos de exílio, em Faro,

quando ele foi reger no liceu a cadeira de filosofia, e eu transferido por castigo, como V. o relata na sua tão verídica e brilhante crônica, intitulada *Gente Singular*.

Releva notar-lhe que as incoerências, aparentes ou reais, de certas passagens dos diálogos me devem ser atribuídas; resultam de meras deficiências de retentiva junto à inexperiência de prosador (o meu treino literário foi exclusivamente na versificação poética), e nunca se poderão imputar ao Dr. Cipreste, que era a encarnação da lógica e da dialética.

Sou, etc., etc.

PEDRO CARNEIRO

I

Eu ouvia com a máxima atenção a prática do meu ilustre amigo Dr. Feliciano Cipreste, sem todavia poder por vezes apanhar-lhe o fio condutor ou dedutivo. Muitas passagens, porém, pareciam-me já minhas conhecidas, como por exemplo esta, colhida do filósofo Eugène de Roberty, o qual nem por ser russo de nascimento conseguira nunca assombrar-me:

«Que o objeto da psicologia, isto é, o homem que sente, pensa e quer, resume-se no produto, na resultante das condições biológicas e das condições sociais.» A psicologia — continuava ele — deve ser considerada como dependência e prolongamento da sociologia, e em harmonia com semelhante hipótese, a que o Roberty chama «biossocial», é que o Sr. Izoulet, fazendo-a sua, na *Cité Moderne*, afirmou que «a sociedade cria os indivíduos psíquicos»...

— Que lhe parece ao senhor Pedro Carneiro?... — interrogou subitamente o Dr. Cipreste.

Eu ia já adormecendo, e não me parecia coisa nenhuma, porém, a pausa do meu sagaz e eloquente amigo prolongava-se, e julgando indispensável dizer fosse o que fosse, aventei:

— Sim, tudo isso e a «teoria do meio» são uma e a mesma coisa...

— Profundíssimo erro — atalhou o Dr. Cipreste carregando muito nos rr —, a teoria do meio é um detalhe ínfimo, ao passo que a conceção do Roberty abre caminho, e largo, à investigação da unidade...

E despejou tal chorrilho de considerações transcendentas, que eu adormeci quase de todo, apenas chamado à realidade por um ou outro nome ou frase, que me eram familiares:

Bebei... coletivismo... excesso de trabalho... acumulação de riqueza industrial..., etc.

Mas acordei de vez quando ele perorava:

— Todo o homem medianamente inteligente meditou já as teorias de Marx, e tantas outras que lhes são afins...; o sentimento cristão da humanidade é, no indivíduo de instintos morais, a resolução de tudo.

— As coisas não se me afiguram tão simples como ao meu amigo — observei timidamente. — Há gente de mais no mundo para nos podermos entender; e multiplica-se incessantemente...

— Por isso eu sou maltusianista.

— São-no, por via de regra, mais ou menos, todos os ricos. Mas os pobres, em muito maior número, pensam de outro modo.

— Eis a razão por que já no século dezoito, em certos Estados da douda Alemanha, se tomavam medidas para desviar os proletários do casamento.

— Sim; enquanto isso acontecia na Alemanha, e o reverendo Malthus clamava, em Inglaterra, pela necessidade e urgência de impedir o aumento da população humana, nesses mesmos dois países os nascimentos reduplicavam. O mesmo sucedia por toda a parte, sem nenhuma teoria, ou mercê dessa política, semelhante à de alguns estadistas nossos conhecidos que pretendem dominar o mundo multiplicando sem limites uma raça famélica...

— O que torna o problema insolúvel...

— O que o torna ainda mais difícil é a reivindicação dos direitos da carne, e, sobretudo, o direito de gozar...

— Foi desenvolvendo esse tema no *Fausto* que o Goethe, o grande pagão, revolucionou a Alemanha e o mundo. O facto é que, mercê da filosofia, os homens reconheceram que não eram exclusivamente destinados à igualdade celeste, e pretenderam alcançar igualmente a igualdade terrestre...

— Se me não engano, eu li tudo isso no Heine.

— O que, julgo eu, não lhe cerceia o valor sociológico...

— Tocar na religião é sempre perigoso...

— E então na católica... Para que nada falte ao seu grosseiro paganismo, temos até São Martinho fazendo às vezes de Baco, e qual deles mais indulgente da beberria...

— ?!...

— Esse corruptor inseto sofisticado, que, no dizer dos nossos clássicos, entrou com a religião, foi-se manso e manso apossando de todas as crenças, e com sofismas ou sem eles a sociedade cuida cada vez mais de melhorar as condições da existência terrestre, sem nada fiar das delícias compensadoras que porventura lhe ofereça a vida celestial...

— !?...

— (*Arrebatado*)... Favores da Providência vão bem patentes àqueles a quem ela elege para operários da sua vinha, se bem que não faltam cínicos dispostos a beber e saborear-lhe o vinho, que nenhum trabalho lhes custou, zombando ainda por cima dos que o preparam, e só nos incertos festins celestiais o provarão um dia...

— Ui, doutor, que blasfêmias: está desafiando a cólera divina...

— Estou, e não a temo à semelhança dos tiranos pusilânimes. Não se estabeleceram leis para punir o ateísmo, como se Deus não tivesse poder para o castigar, quando entendesse que o merecia?

— Entretanto será prudente não perder de vista o braço secular...

— (*Exaltado*) Já o livre-pensamento começa a marcar os sacerdotes do **Nada**, que entoam hinos à deusa Razão, para os quais, no dizer da padralhada, não deve existir piedade nem quartel.

— Não o entendo.

— Não me quer entender, tanto é certo que não há cegueira tão cega como a daqueles que terminantemente recusam ver.

— ?!...

— Tiram os padres grande glória de que muitos livres-pensadores, ao chegar à velhice, tocados da graça divina, se convertem à fé católica. Ainda não vi que lhes retorquisses que tais exemplos eram contraproducentes, pois a graça divina só se move quando eles, caídos na meia ou total imbecilidade, já não sabem o que fazem ou dizem. Isto fora das conversões *in articulo mortis*, para a comédia das famílias fanáticas...

— Não perscrutemos, não perscrutemos...

— Não? Como era expedito e fácil, para coadunar asneiras evidentes, irrefragáveis, metê-las nos imperscrutáveis desígnios do Altíssimo!

— Amém.

1933

II

Não parecia o Dr. Cipreste em boa disposição de espírito. Evidentemente nesse dia desencadeara-se-lhe em casa uma daquelas borrascas pavorosas, que davam brado na vizinhança, durante as quais a Sr.^a D.^a Eufémia, esposa dedicada mas irascível, lhe tocava a pavana forte e feio. Era em geral com o rolo de folhar massa que ela o castigava, e quando o meu excelente amigo se assentou à mesa do café, onde eu o aguardara, e passou o lenço de seda pela calva suada, notei que o fazia muito cautelosamente, como se ela lhe doesse. Com efeito, reparando bem, viam-se no alto do venerando toutiço algumas equimoses de origem recente. A desavença doméstica fora sem dúvida provocada por questões de criadas (ele gozava, ou sofria, da reputação de frascário, especializado em ancilas), pois sem mais preâmbulos desfechou-me a tirada seguinte:

— É muito possível que uma das razões ocultas, que levam o respeitável burguês a clamar, em nome da constituição da família, riscos de maternidade, etc., contra o trabalho das mulheres nas fábricas e nos escritórios, etc. (ele punha nestes *etc.* uma lata e ambígua significação que lhes dava muito sal didático), seja a falta de criadas que se vai sentindo cada vez mais. Criadas: mártires sacrificadas em holocausto à comodidade do burguês egoísta e feroz! Não, caro amigo, poucas são as chagas sociais que se comparem a esta degradante e bárbara escravatura: criadas de servir!

— Mas elas vingam-se de muito diversas maneiras, começando, quando são bonitas, por empalmar o dono da casa só por arrelia à ama...

— Até nisso a fama lhes é adversa — interrompeu o doutor —, quando é certo que são os donos da casa que, abusando da situação miserável dessas desgraçadas, lhes impõem a própria autoridade, quase divina, de *pater familias* para as seduzir...

— Está algo bolchevista hoje, doutor. É pena que não ouvisse o discurso incendiário que ainda há pouco aqui nos pespegou um operário dos que bebem do fino; e aquele tinha-lhe bebido de veras...

— É certo que o operário, embebedando-se, cerceia a autoridade para gritar contra as bebedeiras dos ricos; e então, quando já embriagado o operário declama sobre a desmoralização dos ricos, só dá a estes motivos de sopearem a piedade. Mas no fundo a necessidade, a desgraça, a miséria

têm sempre razão; e a abundância, a sabedoria, a felicidade serão sempre taras imperdoáveis enquanto não forem universais...

— Bravo!

— (*Depois de me lançar uma mirada suspicaz*) Eu creio firmemente no progresso: material e moral; e não posso levar a passo essas doutrinas que desviam o homem das obrigações e esperanças chamadas materialistas, para a abstenção cómoda de todo o trabalho penoso, só com os olhos na Divina Providência...

— A doutrina em si não é tão irritante como a forma de a enunciar...

— Que não consente discussão. (*Exaltado*) É o fanatismo puro, fetichismo cafre, idolatria papua; é o *quia magister dixit*, e basta...

— E com isso a miragem do livre-arbítrio, para dar pretexto à intervenção constante.

— Refere-se à confissão?

— Então a que havia de ser?

— É que o meu amigo Pedro Carneiro está hoje bastante nebuloso...

— Acredite, doutor, que não é de propósito...

— E irónico...

— E o doutor mordaz...

— Consequência dos desgostos domésticos...

— (*Indubitavelmente o rolo de folhar massa trabalhara; de resto as equimoses acentuam-se mais e mais*) Desgostos que não são para publicar...

— Nem eu ousaria pedi-lo.

— Mas não nos agastemos. Voltando à confissão. Pois bem. A árdua faina de dirigir as consciências alheias, que incumbe no confessionário aos padres católicos, demanda, a par dum fanatismo inquebrantável, uma absoluta inconsciência...

— Está claro.

— Para o verdadeiro crente, porém, nada tem importância fora da Santíssima Trindade, e nas normas da vida só é essencial obter o «sentimento habitual da presença de Deus»...

— Não será isso já dos domínios da teologia?

— Talvez, mas não julgo que me sejam terreno defeso...

— É que já vamos longe do ponto da partida, para mim tão interessante: as criadas de servir.

— Pois falta-me tempo para lá voltar; tenho de ir cedo para casa. Mas antes de nos separarmos sempre quero repetir, para seu proveito, o habitual

desabafo de um velho frade, meu mestre de hermenêutica: «Senhor!, que difíceis de contentar não são os teus diletos filhos. Repugnam-lhes as harpas que ressoam por estes vales terrestres, sempre com o ouvido à escuta nos futuros harpejos celestiais. E quantos desiludidos, ao fim e ao cabo, só ouvem zurrar um burro...»

— Não fale tão alto, doutor, que aqui na mesa ao lado o estão escutando...

— (*Sem reparar em nada; com as equimoses a arderem-lhe e o pensamento em D.^a Eufémia*) Adeus, Pedrinho.

— Boas-noites, senhor doutor.

E ficando-me a cismar na confusão que em todas as classes da sociedade grassa entre o divino e o profano, recordou-me a triste sorte de um pobre homem da minha terra que, embora sapateiro, filosofava com certo engenho. Filho de um cônego, passara pelo seminário, onde adquirira alguns conhecimentos bíblicos. Depois da morte do pai aprendeu o ofício, sendo ao mesmo tempo corneteiro num regimento de cavalaria, e mais ou menos, pela vida fora, mau grado as vicissitudes e amarguras que experimentara, nunca esqueceu o instrumento. Deleitava-se em soprar-lhe, solitariamente, à beira-mar, após as trágicas cenas da vida conjugal. Um dia a mulher, que era muito bêbeda, partiu-lhe o nariz com uma infusa de barro vazia que ele recusara encher de vinho. Começou então a «variar» em termos que pouco e pouco se tornaram notórios. Soprando com mais ânsia do que nunca no velho cornetim, assegurava que lhe aparecera um anjo, em sonhos, anunciando-lhe que estava escolhido para tocar a trombeta do «Juízo final», e juntava: «isso nada me surpreendeu, porque me lembro muito bem de ter tocado num dos clarins que derrubaram as muralhas de Jericó...»

Recordando tudo isto, eu redobrava de inquietação acerca do Dr. Cipreste, a quem dedicava profundo e respeitoso afeto. Manejado por uma mulher possante e furiosa, o rolo de folhar massa é arma perigosíssima! E quem sabe; talvez por seus contundentes efeitos é que a bossa filosófica se lhe tivesse desenvolvido depois do casamento, como era manifesto e sabido. A natureza é fértil em pequenos mistérios que ninguém indaga e cujo alcance mal se divisa. Por exemplo: crescem as orelhas passados os cinquenta anos; para quê? E há quem morra centenário sem dar por tal...

1934

III

O Dr. Cipreste vinha exultante a ponto de me excitar a curiosidade sobre as causas de tão insólita manifestação.

— O que sucedeu, doutor — perguntei jovialmente —, que o traz assim prazenteiro e contente?...

— Eu lhe digo: minha mulher confessou-se hoje e levou o dia todo mansinha como um cordeiro, e carinhosa...

— Ora ainda bem que algum benefício colhe dos exercícios ordenados pela Santa Madre Igreja; exercícios alheios, pois julgo que o doutor não se confessa...

— Não, não... Mas a propósito: por acaso e pela última vez, ainda voltei a Coimbra, mas demorei-me poucas horas e levei-as todas sentado à sombra das oliveiras no Penedo da Saudade, deixando a memória retoiçar livremente pelo passado. E tenho bem presentes os principais tópicos da minha extravagante meditação: Deus, o toureiro e o fado.

«A primeira lembrança que me acudiu foi da minha primeira confissão. No seminário os alunos pensionistas eram pouco sujeitos a práticas religiosas, porém obrigados ao cumprimento do “indispensável”. Foi assim que me ensinaram o catecismo, preparando-me para concorrer ao tribunal da penitência, mal tinha ainda dez anos. Chamava-se Lino da Assunção, o examinador dos meus pecados; era lente catedrático de teologia; alto, magro, lívido e vesgo, capaz de infundir terror ao herege mais pintado.

«Recitado o *Confiteor* mandou-me levantar e sentar num mocho que lhe estava próximo, e depois de me explicar (em termos que não percebi) o significado do sacramento a que eu pretendia, terminou dizendo que para este fim os Mandamentos da Santa Madre Igreja nos serviriam de itinerário (a palavra “itinerário”, que eu nunca ouvira, ou de que nunca achara o sentido, ficou-me desde logo indissolivelmente ligada à recordação dessa triste cena).

«— “Amar a Deus sobre todas as coisas” é o nosso primeiro dever e certamente o meu menino assim o pensa, não é verdade?

«Mas eu fiquei-me calado como um rato.

«— Então, não responde?

«— É que há outras coisas de que eu gosto mais... — repliquei por fim em voz sumida.

«— Ora essa! Que coisas podem ser então?...

«— Olhe; por exemplo: presunto com ovos...

«— Valha-me a Santíssima Trindade — exclamou ele, pondo as mãos na cabeça; e encetou uma longa dissertação para me provar que Deus era a fonte de todos os bens; a ele devíamos tudo: a riqueza, a saúde, a vida; ele nos criara e pusera cá neste paraíso...

«Já muito aborrecido, atalhei:

«— Mas o Pai do Céu não nos consultou para nos pôr cá neste mundo?

«— Nem tinha que nos consultar...

«— Nesse caso Ele é que se deve ocupar da gente; não somos nós que havemos de pensar Nele...

«— O menino não calcula a barbaridade que acaba de proferir...

«E disse isto com tal e tão ameaçadora intimativa que me levantei do banco meio disposto a fugir.

«Porém o doutor Lino, reparando na minha meninice, caiu em si, acalmou e amimando-me lá me foi levando, sem itinerário fixo, até ao fim da confissão.

«O caso é que nesse momento se me formara no espírito, definitivamente, sem variantes, a conceção do que deviam ser as nossas relações com Deus, e a inutilidade de pretender definir-Lhe a grandeza e o valor. A minha incapacidade para me aproximar do absoluto permaneceu intacta, e conservei, até hoje, inalterável o agnosticismo nato, congénito, mau grado os filósofos de que li as obras ou estudei os sistemas, e que foram por assim dizer todos — os de polpa — quantos a humanidade produziu.

— Realmente — comentei — não poderia ser mais proveitosa a sua iniciação religiosa... E a respeito de toureio?

— Fica para a outra vez; estou com pressa. Não quero faltar à festa que minha mulher dá esta noite em casa, para a qual convidou várias amigas, algumas interessantes. Até amanhã.

— Boa noite, doutor, e cuidado com as convidadas interessantes...

— Essas não fazem mal; o que é preciso é ter cuidado com as velhas e feias.

1934

IV

Fiquei ardendo em curiosidade, à espera do dia seguinte: o que sairia daquele cérebro enciclopédico a respeito de toureiro? O doutor chegou tarde e quando já quase desesperava de o ver nessa noite. O seu aspeto não correspondia às exultações da véspera, porém eu, sem lhe indagar as causas, pedi logo a continuação das suas confidências, a que ele acedeu sem se fazer rogado.

Esgotadas as reflexões sobre o assunto religioso, principiei a matutar no segundo ponto com redobrada insistência: a arte de tourear e a morte do Espartero, de que eu lera a notícia num jornal da manhã comprado pelo caminho.

«Fora sempre aspiração minha, em rapaz, ser toureiro, e o prestígio, a glória dos heróis do *redondel* sobrelevavam, no meu conceito, o resplendor dos maiores sábios, filósofos e artistas.

«Morrera em Madrid o Espartero, colhido por um touro de Miura! Era o mais elegante e valente dos toureiros; o mais belo na luta; o mais trágico; aquele de que eu gostava mais e cujo fim sempre me pareceu de justiça que fosse o que teve. Morreu nos cornos de um touro do Miura, criador incomparável, que produz os melhores “bichos” de toda a península, feras bravas sem rivais no mundo em nobreza e audácia, mais bravas do que leões: feras de ferro e fogo cujo bafo queima. E o desastre sucedera em Madrid, perante um público de “aficionados” entendidos na matéria, como nenhum outro existe.

«São alegres as corridas em Madrid, mais ainda do que na própria Sevilha; alegres?, doidas, com o indescritível bulício da multidão vã e corrompida que lá acode, mesmo esfaimada; o alvoroço de toda a cidade; o desfilar dos carros, puxados por muitas parelhas de mulas ajaezadas à antiga e cascalhando milhares de guizos, pela “calle d’Alcalá”, no coração da capital; e mais tumultuoso e clamoroso ainda à saída da praça, quando se espalha pelas artérias de maior trânsito, comentando as passagens principais do espetáculo e imitando os movimentos dos touros, as “sortes” dos bandarilheiros, e as estocadas dos matadores.

«O grito angustiado dessa tão desvairada gente de Madrid convinha à tragédia final daquela dramática figura, e se em Sevilha o prantearam sentidamente em trenos e endechas (“Espartero, Esparterito, no te vayas

a morrer”), eu vejo com reduplicado interesse a comoção inesperada do madrileno indiferente, embotado, tão forte é o contraste que resulta da catástrofe.

«Mas o que aumentava desmedidamente as proporções dessa desgraça era a minha melancolia, a nuvem de tristeza que se me condensou pelos mais recônditos recessos da alma. E procurava explicar este singular e penoso abatimento do espírito: o que vale um toureiro por estes apagados tempos de sensações regressivas, de rebuscados e dedutivos refinamentos intelectuais, de convencionadas, postizas intercadências, onde eu me comprazo e atolo como toda a gente. Não era somente a saudade das inolvidáveis tardes de festa, de que ele fora o herói aclamado, vitorioso — invejável —, tardes de sol, de ruído, de alvoroçada mocidade, de vitalidade dispersa, que me entenebrecia o espírito, mas a vaga consciência do “caminho errado”, das primeiras ilusões trocadas por supostas realidades, enganos do isolamento em que se consome a vida, tal como nós a queremos, calculada — e deplorável — no prudente horror ao entusiasmo; consciência que me avivou a lembrança daquela figura perfeita, transcendente criação de uma atividade onde ninguém reconheceu proveito; paixão de um grande povo?, reflexo artístico de outras eras?, anacronismo delicioso, de que a sensatez ri e que a moral condena... Os republicanos filósofos aproveitaram o ensejo para pedir nas Câmaras a supressão das touradas (ah!, dizia um amigo meu uma vez, perante um caso análogo, quem dera que estivéssemos em república para poder ser realista!). Na penúria atual de sentimentos fortes, aridez ressequida de emoções sem miragens e que nenhuma cor tingue ou reflete, as palavras dessa gente soam vazias como guizos funerários — se os há — e o seu pensamento traduz-se por desatadas chirinolhas, que o senso comum reputa acima do oiro puro da fantasia; prodígios venerados pelo convencionalismo tonto do «maior número», a bolorecer arredados da expansão exuberante e livre da grande harmonia que constitui a vida. Tudo isto me pôs triste, como se lhes estivesse a ouvir as lamentações, o piar das aves agourentas, a esses filósofos abomináveis e languinhentos...

«Mas já basta de considerações desvairadas (de que ainda hoje posso ir seguindo o fio sentimental, romântico), e depois delas não é de estranhar que eu caísse na música, escolhendo o fado como tema mais adequado. Porém deixemos esse tema para outra sessão...

Eu estava estupefacto com os abismos de lirismo que as confidências do Dr. Cipreste desvendavam (tereí eu conseguido trasladá-las em toda a

sua genuína candura?) e se a dissertação sobre toureio me inspirara vivíssima curiosidade, muito mais intensa foi aquela com que aguardei as suas variações sobre o fado. Desgraçadamente quando, ao dia seguinte, esfregando as mãos, lhe disse:

— Agora, doutor, vamos lá ouvir esse fado intelectual... — ele encarou-me com manifesta desconfiança, não respondeu, falou de outros assuntos e nunca mais consegui que voltasse ao almejado.

1934

EXCERTO DE UM DISCURSO PRONUNCIADO EM FRANCÊS
NO PALÁCIO MUNICIPAL DE STRATFORD-ON-AVON
EM 24 DE ABRIL DE 1912

.....

Veríamos então o milagre de uma inteligência a que o sobrenatural repugnou sempre — as aparições dos seus dramas são meras alucinações do remorso ou visões históricas —, uma inteligência exclusivamente interessada nos sofrimentos da humanidade e nos seus prazeres, provocar através dos séculos o riso e as lágrimas com a mesma intensidade e a mesma pena com que se ria e chorava no seu tempo. Veríamos então o milagre de uma inteligência puramente intuitiva a engendrar uma criação nova e completa que simbolizasse em figuras imortais a humanidade inteira, com o seu formidável cortejo de paixões, de virtudes, de crimes. Compreenderíamos então como é possível que ainda hoje nós encontremos em Shakespeare a explicação das nossas desordenadas ambições, dos nossos pensamentos, do nosso insaciável desejo do que é novo, da nossa obstinada resistência à mínima abdicação do orgulho individualista, e tudo isso a despeito das condições e exigências de uma tão diferente organização social. Ah!, como é bela a lição que nos proporcionam génios de tal grandeza. A admiração que eles inspiram une num mesmo sentimento as raças mais antagónicas. Se os nomes de Dante, Shakespeare, Goethe, Corneille, Cervantes, Camões lembram povos diversos, a sua fama ultrapassa as estreitas barreiras das nações e a sua obra alimenta o espírito da humanidade inteira, de que eles são o justo orgulho e a mais pura glória.

Seria inútil e até ridículo que eu tentasse emitir juízos e conceitos novos acerca da obra de Shakespeare. Houve já algum escritor que provocasse tanta controvérsia, tanto comentário, tanto estudo, tanta dissertação como este? Seria extremamente difícil a qualquer estrangeiro ajuntar novidade aos trabalhos conhecidos e ainda mais difícil talvez fazê-lo em linguagem que não fosse a própria sua. É este um ponto para o qual chamo a vossa atenção pedindo ao mesmo tempo que me escutem com indulgência. O panegírico de Shakespeare exigiria um poder de expressão e um recamo de imagens tão delicado, que poucos se abalanchariam a fazê-lo mesmo na própria língua em que o nosso pensamento se alimentou e desenvolveu, porque as imagens correspondem na linguagem ao que são nas plantas as flores e as frutas. Desloquem-se essas plantas do solo e do clima que lhes convém: os seus frutos tornar-se-ão insípidos e as suas flores perderão o perfume. Procurem-se imagens numa língua estranha e o resultado não será mais do que uma série de desenxabidas comparações.

Quem ousaria empreender semelhante tarefa para louvar o mais encantador, rico e brilhante criador de imagens? Essa tarefa só pode ser cometida à atividade espiritual dos artistas ingleses, cujo trabalho lhes dará sempre completa satisfação e recompensa. Vede como recentemente um dos vossos mais hábeis e engenhosos escritores, Frank Harris, arquitetou uma novela preciosa com o estudo do amor tal como Shakespeare o pintou. E com que irrefragável verdade o fez! Outros artistas lhe seguirão a pista no inexaurível filão que ele descobriu. Não vos quero cansar com um extenso discurso que sempre vos seria de pouco ou nenhum interesse, mas antes de terminar desejo contar como foi que, na minha já remota mocidade, lá nos confins da Europa, numa obscura aldeia do Cabo de S. Vicente, eu comecei a sentir a influência deste grande poeta — aquele que mais fundamente me penetrou a alma. Acudiram-me primeiro os doces nomes das amantes puras e divinas: Ofélia, Imogénia, Virgília, Cordélia — o anjo da bondade e da modéstia. Depois as desgraçadas que sofreram na carne dolorida: Julieta, Desdémoma; e logo as mulheres diabólicas e terríveis como Cleópatra e Lady Macbeth; e as espirituosas e risonhas: Beatriz, Rosalinda... Depois a infinita galeria de heróis, de ambiciosos, de guerreiros, de traidores, de bardos, de assassinos, tão variada e tão viva, na qual sobressaem as duas grandes figuras de Falstaff e Hamlet — o colossal Falstaff, conjunto de todos os vícios, lídimo símbolo

da vida animal; e o melancólico Hamlet, cuja alma oprimida e espírito falaz ainda hoje me perturbam intensamente. Esses nomes acercaram-se de mim pouco a pouco pelos bons e maus caminhos que a mocidade trilha, nas conversações familiares, nos folhetins dos jornais baratos, nas novelas de autores medíocres. Que imensa curiosidade eles despertaram no meu coração de criança, que desejo, que sede de amor e de aventuras! E que surpresa, mais tarde, quando os encontrei na obra do poeta, semelhantes aos esboços da minha mocidade; e no amadurecer da inteligência, sendo-me dado penetrar nas mais recônditas clareiras dessa maravilhosa floresta, nada se poderá comparar nunca ao prazer, à plenitude de sensações, à alegria artística que ali experimentei. Mas maior ainda do que a minha admiração é o sentimento de profunda gratidão que conservo ao poeta, como ao maior dos meus mestres espirituais e a quem devo talvez os melhores momentos da minha vida.

1912

N I M P R E N S A
N A C I O N A L

© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

APONTAMENTOS

Extratos dos cadernos de notas de M. Teixeira-Gomes

1905

Abril

16. — *C. de Oliveira*⁶ — Encontro, no Chiado, com o Faria Machado. Janto com o C. de O. no Imperial. Literatura, viagens, mulheres...

17. — *H. de V.*⁷ — Fui procurá-lo na ideia de o encontrar nas *Novidades* mas à porta da Havanesa encontrei o T.C.⁸ que me informa que [ele] só se encontra no Ministério dos Estrangeiros. Grandes elogios do T.C. aos meus trabalhos anteriores à *Sabina Freire*. Admira-se de que eu tenha buscado esta forma que lhe é antipática (a teatral!), tão acanhada. Para ele eu sou um grego: único e inconfundível, etc. — Entro no Ministério dos Estrangeiros e estou com o Vasconcelos que está agora com a obcecação da *gaffe*. Todos os dias desperta aterrorizado: «Que *gaffe* terei eu cometido ontem?» Ele pensa que isto é do tabaco mas eu tenho a certeza que é do ministério.

⁶António Correia de Oliveira.

⁷Henrique de Vasconcelos.

⁸Trindade Coelho.

Editor —... fui ver o meu editor (com quem estivera de passagem, à tarde). Conversa sobre literatura. Há artigos em perspetiva sobre a *Sabina*.

19. — Às dez fui ao *Diário* ver o Carrelhas⁹ (que voltou de Ovar onde fora assistir ao casamento de uma sobrinha). Conversa sobre a *Sabina*. As personagens episódicas acha-as demasiado ridículas (!), «assim agervasadas», explicou.

21. — Encontro à tarde o Correia de O.¹⁰ Levo-o ao alto da Senhora do Monte: paisagem, panorama deslumbrante com o Tejo cortado pelos montes do Castelo, da Graça, da Estrela. O poeta não compreende nada. Triste, constipou-se decerto. Eu também me devo ter constipado.

22. — Almoçamos juntos — a B. e eu — e vamos ver os Jerónimos, cujo claustro me impressiona melhor do que nunca. É duma ourivesaria grosseira mas muito cénica. A leveza da grade nova da igreja é prejudicada pelos ornamentos das colunas que a sustêm.

Depois de jantar no Tavares fomos (a B. e eu) à livraria onde conheci o S. Pacheco Novais, pessoa correspondente aos seus escritos: feitor de letras, isto é, revisor de provas. Mas bem-intencionado e com várias peças em gestação ou já prontas e inéditas.

Depois apareceu o C. Malheiro Dias, que parece mais negro e mais sumido; fala muito mais alto do que antes. Eu defendi a ideia que o Júlio Freire¹¹ é sublime, no terceiro ato, mas sem grande convicção. Ele falou do *Amor de Mulher*, das coisas da sua vida e declarou que ganhara em ouvir-me para a preparação do seu artigo sobre a *Sabina Freire*. Viemos para casa às 10 ½.

⁹ Francisco Carrelhas – Foi uma figura de destaque no jornalismo português e uma curiosa e original individualidade. Homem de gosto apurado e cultura fina, com um espírito original e *frondeur*, Carrelhas destacava-se na multidão pelo fato excessivamente apertado e curto que usava. Acerca da sua indumentária, Barros Lobo, no livro *Do Chiado a S. Bento*, conta a lenda do figurino criado por Carrelhas. Lembro-me ainda dele, com a sua voz de fasete, calças arregaçadas (de está a chover em Londres), a escolher livros nos mostruários da Bertrand, comentando autores, obras, o caso do dia, com muito espírito e uma grande agudeza de crítica.

¹⁰ António Correia de Oliveira.

¹¹ Personagem de *Sabina Freire*.

23. — Dia lindo. Saímos até à Sé, [para] ver a festa cujos preliminares duram de mais com os arranjos de vestuário do patriarca, desluzidos da sua pompa graças à mesquinhez da receita. Depois rompe uma missa qualquer do maestro Casimiro ou do não menos insigne Carlos de Araújo, que me escorraça. Damos uma volta pelo claustro, que encontro no mesmo estado exatamente em que o deixara há dois anos.

Vamos depois à Estrela onde ainda eu não tinha entrado. Igreja sem carácter e sem arte na ornamentação. Depois andámos pelo Jardim da Estrela, estivemos sentados a ouvir música, vimos os cisnes, etc... Desçemos a Calçada da Glória e à porta da livraria encontrámos o Fialho, que nos acompanhou ao Largo do Caminho de Ferro onde deixei a B. para lá jantar... Jantei com o Fialho numa sala nova do Leão dos quadros onde há pinturas recentes. A decoração da sala é de tal modo infame com os seus reles lustres de vidro e espelho Alcobia que não é possível acreditar que ali haja alguma coisa de arte em termos. No entanto o *panneau* do Columbano com hortaliças à sombra de um manto de veludo carmesim é largamente tratado. Jantar com muita conversa que se prolonga em passeio até às 10 horas... Fiquei de jantar com o Fialho quarta-feira.

24. — Dia lindo. Vou levar a B. a casa da tia e depois venho à livraria encontrar-me com o Fialho que ficou revendo as provas da *Londres Maravilhosa* para a *Vida e Arte*.

Encontro o João de Barros na livraria. É um homem pequeno, de monóculo, carnação fina e expressão ingénua. É professor no Liceu de Coimbra. Acompanhava-o um tenente ou alferes que ele me apresentou logo como o Sr. Utra Machado, de fisionomia aguda (nariz muito agudo em face estreita) e grande brilho nas lunetas. Declarou-se-me grande admirador. Troca de palavras amáveis...¹² de protestos afetuosos. Logo saímos o Fialho e eu da livraria e ao chegar em frente da V.^a Cardoso¹³, na companhia do Correia de Oliveira estava o poeta Lopes Vieira que se me apresentou ele próprio. Fino como um *biscuit*, olhos de violetas de Parma, voz musical, feminina, velada e cansada, elegante como um figurino elegante, o A.L. Vieira fez-me a apologia da Suíça, que eu rebati com

¹²Ilegível.

¹³Livraria da Viúva Tavares Cardoso, onde hoje está instalado o café La Gare.

argumentos de chalaça. Figura típica no entanto e que o Fialho afirma ser alfobre de raras qualidades intelectuais e morais.

Fui buscar a B., jantámos no Tavares, depois fomos à livraria onde conversámos com o Fialho, passeámos na Avenida, fomos à cervejaria da Trindade e às 11 horas estávamos em casa.

25. — Passeio com Fialho à tarde. Fomos ao Alto do Monte. A tarde enevoara-se um pouco, dando à paisagem uma luz nova, de grande doçura, onde todas as cores vivas ganhavam um brilho.

H. de Vasconcelos — Jantámos, a B., ele e eu no Tavares. Depois eu fui levar a B. a casa e encontrámo-nos de novo para ir conversar ao Grémio Literário até à meia-noite. Conversa sem interesse.

26. — Encontro o Alfredo Mesquita, que me acompanha até à porta da Escola Naval. Depois estou com o Fialho e dou voltas, encontro o João de Barros, o Utra Machado e o Carrelhas à porta da livraria Ferreira... B. janta com D. Petronila e eu com o Fialho. Vamos jantar ao Leão dos quadros. Passeámos depois. Encontro no alto da Calçada do Combro com Carrelhas e A. Mesquita. Este último vem connosco até ao Rossio e toma o comboio de Santa Iria (?). Eu e o Fialho ainda passeamos até às 10 h.

27. — *Procissão da Saúde* — Dia esplêndido. Fomos ver a procissão da Saúde, ao Rossio, que se compõe de vários contingentes da guarnição da cidade com suas respetivas bandas, os fiéis (mulheres e crianças) que vão em trajes diversos — anjos, virgens, serafins — pagar promessas, muitos soldados de opa, o andor da Virgem e duas pirâmides de seda bordada, fantásticas em todo o sentido, que parecem barracas de campanha meio fechadas. Caras imbecis, mas como poucas vezes se podem ver assim tantas reunidas. As cabeças dos soldados descarapuçados mostram igualmente todos os caracteres da brutalidade portuguesa popular.

Com a B. fomos a Benfica, depois com o Alfredo Mesquita ao Lumiar, com uma horrível ventania. Antes de ir ao Lumiar estive com o Malheiro Dias que convidei para jantar. A redação está mais limpa do que no tempo das *Novidades* mas mais pretensiosa. Jantamos a B. e o M.D. no Tavares. Depois fomos levar a B. a casa e passeámos. Conversa extensa e sem interesse ou porque eu o escutei exclusivamente ou porque o que ele disse era realmente sem novidade nem brilho.

28. — Dia ventoso, coberto, ameaçando chuva e trovoada. Vou à livraria e lá a pedido do M. Teixeira entrego ou ofereço um exemplar da *Sabina* ao ilhéu Frazão Pacheco. Conversando com o editor digo-lhe que nos meus livros até cobrir as despesas da edição ele terá 30% e depois 50% sobre os exemplares vendidos.

Passeio no elétrico, vou a Ribamar, à Estrela e à noite vou buscar a B., com quem janto no Leão dos quadros, levo-a a casa, tomo o elétrico para Belém e volto a pé. O fantástico efeito da lua e grandes focos elétricos que a fiscalização emprega para iluminar a margem do rio e a empapam de luz que cega surpreendeu-me. A Torre de Belém apareceu-me, primeiro, iluminada a cambiantes como numa mágica de teatro, tão cheia de relevos e recortes. Tento seguir a margem do rio mas o foco de luz cega-me e quase caio à água. Quero desviar-me mas dou uma canelada. Livro-me da luz tomando o caminho da casa de saúde (?) mas depois até Alcântara, antes de tomar o elétrico, vou admirar os efeitos admiráveis da luz, que dá nas ervas (?) em tons de preciosas pedras que nas pedras semeadas pelo caminho as cristaliza, as trespassa de luz e nos põe a tropeçar com imensos blocos de diamante e de ametista. Às 12 ½ estava em casa.

29. — Dia lindo. Vou ao Teixeira onde encontro o João de Barros, a quem ofereço um exemplar da *Sabina*. Depois com a B. fui ao Campo Grande. O palácio Galveias no Campo Pequeno para assentar residência qualquer heroína de romance. Com as duas alas, o pátio fechado com a alta gradaria de bronze, as janelas que deitam para o pátio com uma curiosa ornamentação, em pedra, semicircular como um leque de penas aberto sobre as janelas; o portão de mármore com emblemas alegóricos de batalhas; ao lado, junto à entrada, um estreito terreiro acessível e sem defesa, para onde abrem portas e janelas laterais do palácio; depois ao longo da estrada, a largos intervalos, janelas gradeadas. O parque cuja mata assoma sobre o muro e deixa ver pelas janelas as ruas estreitíssimas de árvores sombreiras, os maciços de roseiras, moitas de verdura talhada, os canteiros de flores, as estátuas nuas por entre os ciprestes e os repuxos espadanando nas enormes taças de mármore branco.

A Idade Média estilizou todas as artes — O. Wilde, *Intenções*, pág. 51.

Campo Grande — Fui lá com a B. e lá nos demorámos horas com um dia lindo, passeando no parque e descansando no «*chalet* das canas».

Agora, por toda a parte, as roseiras estão floridas, ornamentação deliciosa que a B. compreende e admira. Episódio ridículo das minhas calças enlameadas por um regador das ruas. Cômica indignação e depois riso. Voltámos às 5 h. Passeámos no Jardim de S. Pedro de Alcântara, que está...¹⁴ com os seus canteiros minúsculos e o delírio das rosas.

Jantar — No Tavares com o Alfredo Mesquita. Conversamos até 11 h. Às 11 ½ em casa.

30. — Dia frio, ventoso, desagradável.

Museu de S. Roque — Esplêndido de riqueza em bordados, em rendas. As rendas das alvas dos padres mais me impressionam, rendas finíssimas de prodigiosos desenhos, largas de meio metro, rendas de Bruges e Bruxelas. Muitos candelabros rococó com figuras de prata dourada. Um retrato que deve ser de D. João III. Soturno e vivo.

Exposição de rosas — Mal-arranjada e com as flores já velhas. Algumas rosas cor de enxofre, estranhas.

Aquário de Algés — Pobre, mesquinho. Uma variedade de chocos que olham como mochos, que passeiam como zebras dando de banda com os ventres dum verde-esmeralda: o dorso pintado de cinzento-negro como certos lírios. Uns peixes da China: *telescópios*, o ventre e o corpo vermelho, de carmim dourado — inchados — com um rabo de plumas brancas e cor-de-rosa, fantásticos.

Do Dafundo fomos a Cascais para onde partimos às 3 ½. Passeio até à furna do Inferno. O mar estava sereno, mas de quando em quando uma ondulação larga. O aspeto da furna, vista da terra, pareceu-me agora mais característico, com a curva da fauce aberta e dentada. Quando voltámos a Cascais havia na baía uma tal ou qual agitação, promessa de mau tempo. Encontrámos o Joaquim Monteiro passeando as suas meninas e com o seu ar Salcede, senhor de Cascais.

Jantámos no Hotel Central — hotel pobre, aseado — com muito apetite, coisas feitas de fresco. Chegada a Lisboa às 9 ½ e depois de levar a B. para casa ainda fui dar uma volta. Encontro com o Fialho que está intolerável, tal uma velha *cocotte* a quem foge a freguesia. Estava na cama às 11 ½.

¹⁴Ilegível.

Maio

1. — Dia de chuva... Desço ao Teixeira. Encontro-me com o Malheiro Dias e logo depois apresentação ao António Feijó. Encontro e passeio (voltas) com o Fialho... desço ao Rossio onde encontro, à porta da Mónaco, o Marcelino Mesquita e o Gualdino Gomes. Travamo-nos logo, o célebre Marcelino e eu, a respeito da *Sabina*. Para o irritar eu afianço que peças de talento devem criar público e atores idóneos.

O Marcelino estranha que eu não haja mandado a *Sabina* ao conselho do D.^a Maria. Eu digo que talvez ainda o faça. Ao despedir-me estendo a mão ao Gualdino dispensando apresentação, digo, visto que nos conhecemos de há muito e já somos amigos, pouco mais ou menos como toda a gente. Estou em casa às 11 ½.

2. — Deixo ficar ao cuidado do Teixeira os desenhos de João de Deus... Jantamos no Tavares onde esperamos um bocado o H. de Vasconcelos até às 8 h.

Fomos ao D.^a Amélia ver a zarzuela, que me toca nos nervos. Trago a B. a casa e vou ver o Carrelhas ao *Diário* ficando de nos encontrarmos amanhã na minha casa às 7 ½.

3. — Dia lindo... vou ao Poço do Bispo. Cenas nas faluas atracadas a um pontão de embarque... Vou despedir-me do Fialho que parte para Vila de Frades mas chego antes da hora (agora a partida é às 5.20); encontro o José Parreira sumido e escorrido. Falas sérias e incaracterísticas. Desejava ver a *Sabina* de pé, representada no teatro, etc. Ainda não a acabou de ler, há de escrever alguma coisa. Vamos assim até ao Rossio. Volto só. Encontro o C. de Oliveira, que me acompanha à estação. Despedida do Fialho. Vou ao Ministério dos Estrangeiros perguntar pelo Vasconcelos. Não o encontro. Vou buscar a B. Às 7 ½ aparece o Carrelhas e vamos jantar ao Tavares. Depois levamos a B. a casa e passeamos até às 2 h da manhã! Fenomenal estopada!, embora o Carrelhas seja um companheiro agradável. Nada me diz de novo.

4. — Dia de vento mas de sol. — Eu vou em busca do Vasconcelos, que por fim encontro no ministério às 5 h. Ficamos de jantar juntos esta noite. Vejo depois o Malheiro e jantamos no Tavares às 7 ½. Muita conversa,

pouco sumo. Há por parte do Malheiro (ou pareceu-me) um surdo ressentimento porque as *Novidades* não falaram das *Cartas de Lisboa*. Depois de jantar o Vasconcelos vai para um serão. Levamos a B. a casa, depois passemos até às 11 h. Grandes dissertações sobre o Camilo.

5. — Dia de vento, mas bonito.

Um grupo de regadores da câmara, caminhando com o rolo de tubo a tiracolo e a agulha metálica espetada, como uma filarmónica de nova espécie.

6. — Dia lindo. Descemos a Rua do Alecrim e alegremente porque dormimos muito bem — a B. e eu — e encontramos quase ao fim da rua a Sara da M.V., que eu reconheço... Vamos ao Museu de Artilharia, onde há salas novas, uma com pinturas de Carlos Reis (Vasco da Gama), onde há uma Vénus muito apeteçível; relance de olhos pelas pinturas do Columbano que parecem sempre vestidas de trapos e, quando estão nuas, empalhadas. Há uma última sala com quadros novos dele com ninfas e ondas do panorama da Palestina. A B. impressionou-se com a vista do museu: tanta arma! Fazia-lhe pena.

O dia estava radiante. No Chiado, os pardais comungavam alegremente em redor...¹⁵ frescos e pelos passeios, em...¹⁶, subiam todos os marqueses à Soveral do reino e ilhas adjacentes... Vou à clínica ver o Azevedo Neves, que me foi mostrar as instalações do...¹⁷ para o tratamento do lúpus. Curioso! Na sala clara a luz dormente ou adormecedora do foco elétrico dirigida por óculos sobre os rostos das pacientes estendidas em raios de círculo. Rostos disformes!, e uma delas, a mais disforme, onde o nariz é uma cova em carne viva, com mãos à Van Dyck de uma aristocracia raras vezes atingida pela realidade. As enfermeiras de branco com seus óculos defumados na ponta do nariz, fazendo as aplicações de luz com ar de sábios. Fico de jantar com o A.N. na segunda-feira às 7 h, esperando-o eu em casa.

Antes de subir ao hospital passei pelo quartel-general e vi o Abel Botelho. Sempre o mesmo, reduzido a caspa. Ficámos de jantar segunda-feira às 7 h, esperando eu em casa.

¹⁵, ¹⁶, ¹⁷ Ilegíveis.

7. — Dia lindo. Almoçámos no Tavares e às 11.35 vamos para Sintra, onde chegámos quarenta minutos depois. Tomámos o eléctrico para a Praia das Maças, que é uma pequena praia de areia metida entre rochas negras com aglomerações de blocos de forma geométrica muito semelhantes àquelas que artificialmente se empregam nos quebra-mares para a contenção das ondas. O mar estava de turquesa líquida, com espuma lactescente, rebentando nas rochas com furor. Voltamos pelo eléctrico e subimos a Monserrate por um caminho serpentino. Passeio no parque e vinda a Sintra pela estrada de Monserrate com o encantador horizonte do mar e as árvores que sombreiam a estrada. Levamos horas no passeio. Chegamos a Sintra às 5 h e jantamos no Hotel Central. Alguns tipos de Sintra que parecem corresponder a um tipo certo: pálidos árabes de rosto excessivamente comprido. Na cadeia um exemplar mais raro, com dois profundos olhos de veludo. Pôr do sol da Alameda do Barão de Almeida Santos: os restos do Castelo Moiro sobranceiro à vila a esboçar-se em pedregulho negro; os outros picos em pirâmide perfeita que fecham o horizonte a sul. A grande, espessa camada de verdura que cobre o sopé desses montes até Sintra, doirada pelos reflexos do sol, ou pela rara luz oblíqua; o vale já sombreado, e a poente sobre o esmaltado do céu um perfil arrendado de árvores de jardim. O encanto das grandes árvores, o encanto do murmúrio das águas correntes. No caminho de Monserrate para Sintra as árvores imponentes da Quinta Seteais abandonada e senhoril. Regresso a Lisboa às 9 h. Passeei um pouco pelo aterro e feira de Alcântara, que estava gorgolhando de gente. Dificuldade em encontrar eléctrico para Lisboa.

.....

9. — ... eu fui ao concerto do Viana da Mota no Trindade e entrei quando ele executava umas prodigiosas e complicadíssimas coisas do Schumann, ouvi-lhe umas baladas do Chopin, uma polca do Weber com frescuras ideais e danças sobre a relva, etc., entusiasmei-me ao final (entusiasmar-me!) e deu-me para pedir a *Rapsódia* (!), fui absolutamente grotesco e merecia que me chamassem *o Rapsódia*. Fui à Cervejaria Trindade tomar refrescos e ler os jornais da noite.

10. — ... Venho ao Teixeira, encontro o J.A. Freitas e o Malheiro Dias, saio com este, encontramos à porta do Ferreira & C.^a o Fialho, que vem ter comigo ao «Rendez-vous des gourmets». Subimos os três a Avenida, o Malheiro vai para casa (triste, hoje, mais do que o costume), eu deixo o Fialho, subo a ver a B., vou jantar sozinho ao «Leão Triste», encontro novamente o Fialho à porta da V.^a Tavares com o Feijó¹⁸, vou com este à feira de Alcântara, oiço-lhe histórias do Sotomayor, na feira ele fala do Henrique Dias (dos cavalinhos), que provocou em Coimbra paixão aos rapazes, voltamos às 10 ½, deixo-o no hotel, vou ao Tavares beber cerveja e ler os jornais da noite e entro em casa às 11 ½.

11. — Dia lindo, lindo... Compro num livreiro de livros velhos na passagem de S. Domingos para a Rua da Palma uma velha edição do *Quixote* por 2\$50. Encontro o Fialho, com quem ando um bocado. O dia passa inutilmente como os anteriores...

12. — *D. Quixote* — En León de Francia a costa de J. y P. Bonnardel, 1726.

Na biblioteca — 1701-1758. O retrato extraordinário dum frade, *O Poeta de Xabregas*, obeso, além do permitido, insolente, com um registro triangular na mão direita e vara na esquerda. Exposição Cervantina. Fui vê-la e não encontrei coisa digna de menção (nenhuma edição semelhante à minha). Depois vi os retratos da galeria no fim da qual está a exposição e encontrei aquele de Frei João de Xabregas atrás notado.

Fialho — Andei com ele, que se prepara para a sua excursão à Galiza; pensa fazer um livro *completo* com *estatística* e agronomia sobre a Galiza!

Vou ver o Alfredo Mesquita à Escola Naval: enquanto ele não se avia, passeio na galeria dos modelos de navios e entro na Sala do Risco. Assomo por acaso a uma das janelas que dão sobre o estaleiro e vejo em baixo...¹⁹ de marujos que lavam os troncos enfarruscados e perfeitos. Pelo desenvolvimento da musculatura devem ser carpinteiros e ferreiros. Vou com ele²⁰ a casa do Tomás Bordalo Pinheiro e combino com ele a reprodução de oito

¹⁸O poeta António Feijó.

¹⁹Palavra ilegível.

²⁰Alfredo Mesquita.

desenhos²¹ com chapas separadas e começo da carta e o bilhete-postal. O B. Pinheiro calcula que tudo aquilo custará cerca de 7\$00 dando as chapas para 10 000 exemplares. Vou ao *Notícias* ver o Malheiro, a quem dou o alfinete Luís XV e conheço o Júlio Dantas, com olhos de veludo, colete com florinhas roxas e gravata roxa listrada de negro. Fala contendo a voz e querendo pôr no olhar muita persuasão... Janto no «Leão Alegre» e depois encontrei o C.M. Dias e o Júlio Dantas no Teixeira. O Júlio D. fala-me de moral e do determinismo e da degenerescência e na sua educação científica e na lei da democratização das sociedades observando os tipos salientes, etc. Eu respondo como pode responder um homem a quem tudo isto não interessa e tem o nariz entupido com algodão...²² por causa dum horrível defluxo incipiente. Vamos ao «Leão Alegre» tomar coisas. À meia-noite separámo-nos depois de ter encontrado o Fialho, com quem subo a Patriarcal, onde ficámos conversando até às 2 h. Chego a casa às 2 ¼.

13. — Dia ainda lindo... ando com o Fialho, janto no Tavares, conversando com o Correia de Oliveira, que diz banalidades e que a B. diz parecer-se com a formiga. Vou ver o H. de Vasconcelos ao Grémio e despedir-me dele. Conversa melancólica e talvez... — ²³. Ele — ...? —²⁴ vai deixar de escrever porque lhe parece que está escrevendo pior do que antes. — Encontro o Fialho no Montanha, vem o Santos Tavares, que mostra o bilhete já tomado para Paris para segunda-feira e a carta de crédito. O Fialho mostra-nos suas notas espanholas. São duas tímidas virgens a mostrar uma à outra o vestido que vão estrear no primeiro baile, e fazem-no de uma forma que me entenece. — Subo com o Fialho à Patriarcal, conversa até à 1 ½, às 2 em casa.

14. — Museu. Um quadro de Josefa de Ayala ou de Óbidos (1634-1684), o casamento místico de *Jesus e de Santa Catarina*, bem curioso pela cor do primitivo flamengo, pelo arranjo do grupo, pelos vestuários, pelo sentimento gótico imensamente anacrónico e pela leveza de dois anjos que do fundo do quadro (um quadro pequeno) vêm direitos ao grupo central.

²¹De João de Deus.

²²Nome ilegível.

²³ e ²⁴ Ilegível.

Malheiro Dias — Largo de S. Sebastião da Pedreira, 51, 2.º. Dia lindíssimo, ingente. Vou ao Museu das Janelas Verdes, onde vejo com atenção os desenhos do Sequeira (prodigiosos retratos), admiro alguns vestidos da corte de D. João VI... à meia-noite encontro o Fialho no Suíço, que me apresenta ao Manuel Penteadado, que é um rapaz tuberculoso e áfono que se abana com um leque, e ao desenhista Francisco Teixeira, que eu conhecia há tempos de vista julgando ser um filho do marquês da Foz. Acompanho o Fialho à Patriarcal e vou ao *Diário* despedir-me do Carrelhas entrando em casa às 2 ½.

15. — Dia glorioso como convinha à partida. Vou a casa do Malheiro Dias despedir-me. Encontro-o instalado numa casa clara, com um luminoso e grande gabinete de trabalho onde evolucionamos conversando. Há na parede, por cima da escrivaninha, uma Virgem contemplando o Menino, dimensões quase naturais, preciosa de expressão e de cor, no género da escola de Bolonha. O retrato dum dos filhos por um pintor pouco destro mas impressionado pelos espanhóis. Conversamos. Eu digo-lhe que emendo a minha *Ana Rosa*. Estamos hora e meia juntos... (Entre parênteses convém notar o encontro e apresentação ao Teixeira de Queirós, espécie de bicho-de-conta — hábil em fazer fortuna metido em companhias onde ele diplomaticamente representa o elemento republicano —, falando pelos óculos e mostrando a falar vaguidade ainda superior à que mostra nos livros...) Metemo-nos no trem para a estação onde o Fialho, o Alfredo Mesquita, o Correia de Oliveira nos fazem companhia até à partida, vindo depois o Teixeira e os pequenos, quando já estamos embarcados, dizer adeus. Partimos às 5 ½ e chegámos a Portimão em 16 de manhã.

1911

Fevereiro

24. — Criatura de eleição, cuja sensibilidade está constantemente disponível e pronta para apreciar as mais variadas obras de arte e os mais variados aspetos da natureza.

Espírito eminentemente militante e político muito mais interessado nas ideias «de partido» do que nas ideias sociais.

28. — «Querido amigo²⁵:

Uma involuntária...²⁶ restituíra-me o uso plenário das minhas faculdades quando chegámos ao Coliseu. Refleti então que sem dúvida a misteriosa máscara possuía a experiência de uma Ninon de Lenclos — na derradeira fase da sua existência —, mas que seria arriscado verificar até que ponto a igualava nos encantos físicos. No que me diz respeito, pois se o desfecho não foi desejado foi pelo menos acatado sem espécie alguma de recriminação, e para completa satisfação minha seria indispensável que o incógnito da «bela máscara» permanecesse eternamente inviolável. Como sabe eu sou um fanático da ilusão! Do c.»

Março

2. — Malheiro Dias — «Querido amigo — Não encontro explicação ao sentido da sua carta. Fui leviano, grosseiro? Referindo-me a um ato físico involuntário, provocado pela ilusão de me encontrar ao lado de uma criatura cuja presença me perturba sempre? Paguei, desdenhei depois perscrutar um mistério cuja chave me pareceu clara e reportando-me trinta anos atrás me causou pena, até horror. Não sei, mas o que sei é que num país tão pequeno como o nosso e tratando-se de alguém como eu, cujo passado é rico de tantos episódios e gentes várias, sempre será arriscado provocar um encontro como o de segunda-feira à noite. Perdoe-me, no entanto, se de algum modo — e de balde pergunto como — o magoei. Do c.»

3. — Comédia de ideias, onde todo o diálogo delas se embebe — claras ou subjacentes — e que no campo de emoção do pensamento atinge as belas — as mais belas — situações dramáticas.

Uma literatura que tem um ar tão pouco original, onde a cada passo soam ecos de passagens mais ou menos conhecidas, que do princípio ao fim conserva um tom de «empréstimo».

²⁵Suponho que é a cópia ou minuta de uma carta para Malheiro Dias.

²⁶Palavra ilegível.

12. — Quem poderá medir nunca o valor sensual das notas, a melancolia dos acordes, a dispersa inquietação dos arpejos, a acerba angústia das apogiaturas. Ó harmonia, grande asa imponderável que embala, acaricia, purifica e martiriza! Trágica alegria, comédia lírica!

Em arte é indispensável transitar constantemente das adivinhações da sensibilidade para as conclusões da análise.

A sua música pessoal que lhe ritma a prosa.

Pretender que o génio se pode moldar a formas já servidas é supor a luz do Sol engaiolada.

Os utensílios de cobre que enfeitavam nobremente as paredes das cozinhas antigas, nas quais a chama que se ateava na lareira se revia em reflexos sumptuosos, de púrpura.

Um rosto que a bondade ilumina e aformoseia.

Que forma tão diversa de florescer tem a olaia da amendoeira. Na amendoeira são festões e cachos que se soltam dos troncos e aereamente (?) enfeitam a árvore, compondo-lhe um véu de flores; na olaia é uma espécie de tinta roxa que emusga os galhos negros e por onde imediatamente transparece a folhagem verde.

19. — Na hora da separação o que há de mais doloroso e patético não são as lágrimas, nem tão-pouco os soluços abafados, nem os longos abraços estreitos; são uns gestos das mãos que procuram um rosto e que o procuram mesmo na luz, quando os olhos estão bêbedos das feições da pessoa amada e as mãos correm o rosto todo, e acariciam as faces e contornam a boca e correm levemente pela testa e nos olhos põem dois...²⁷ de amor, tépidos, amorosos, derradeiros...

²⁷Ilegível.

23. — Como um casal de pombas que vão desprender o voo em direção diferente.

Abril

3. — Parti no «Sud-Express» às 9.45 da manhã, chegando a Paris às 10 da noite, sendo esperado na estação do Quai d'Orsay pelo X. de Carvalho, mulher, Jaime de Séguier, Bandeira e Montalvão. Fui para o Hotel Palais d'Orsay, onde tomei o n.º 8 na razão de 15 fr. por dia.

Bernardino — Telegrama dizendo Hotel e que conto estar em Londres na sexta.

7. — Saí de Paris às 9.50 e cheguei a Londres às 6 da tarde, estando à minha espera o Câmara Manuel, o Ferreira de Almeida e dois outros cavalheiros, empregados comerciais e já mumificados. Fomos para o Hotel Coburg, quarto n.º 112 a 10/6 compreendendo serviço e banho. Depois fui à legação e vi a chancelaria, telegrafando ao Bernardino que o saudava da Legação de Londres.

10. — Foreign Office — Fui lá com o Câmara Manuel e falei com o subsecretário de Estado. Sir Grey só amanhã é que estará em Londres.

O diretor do Crédit Lyonnais disse-me que a notícia da Reuter produziu excelente efeito na City.

13. — Carta para Bernardino Machado pedindo relação das potências que nos reconheceram.

Ao chegar ao alto da montanha, após subida penosa na escuridão do crepúsculo matutino, abria-se diante de nós a imensa campina como um mar de claridade cujo fundo se entrevisse minuciosamente.

15. — António Bandeira — Agradei notícias sobre boa colocação dos quadros Columbano.

Columbano — Anunciando que, segundo Bandeira diz, quadros estão bem colocados.

Nessas fases felizes em que o pensamento trabalha por si mesmo, e segue, nos seus movimentos variados, sempre diversos, uma série de curvas musicais cuja harmonia nos surpreende e delicia infinitamente.

23. — Um vocabulário que ataca diretamente a ideia; um boleio de frase que a realce e a colore; e uma síntese cristalina onde tudo se move em equilíbrio e naturalmente.

23. — No caminho — Alguns pequenos prados, talhados em esquadria, com árvores espaçadas — isoladas — com um ar de quem espera a sua vez e um aspeto característico de dignidade própria da árvore inglesa.

30. — Raro, admirável escritor, que junta à firmeza do estilo a máxima vivacidade de expressão.

Maio

11. — Até a gramática inglesa admite incondicionalmente a existência da alma humana. Assim eles podem dizer como agora do Grande Lafayette — um cómico que morreu queimado em Edimburgo—: O Grande Lafayette perdeu ali a vida e — perdeu o seu cão — entendendo-se que a alma de Lafayette perdeu o seu corpo e o cão.

13. — M.^{me} Regis de Oliveira — Renovando agradecimento pela goiabada pois que segundo disse o F. de A. a 1.^a carta não chegou e pedindo para chamar a atenção dos seus amigos de Paris sobre os quadros do Columbano.

14. — Há criaturas quase sem relevo aparente, cuja quietação, cuja preguiça é singularmente perspicaz.

À força de viajar, quando se tenta e consegue penetrar um pouco o espírito e o carácter dos diferentes povos, vão-se apagando pouco a pouco as diferenças que os distinguem, e que pareciam enormes, radicais, absolutas, e pouco a pouco vamos descobrindo pontos de contacto, semelhanças, repetições que as nivelam pelo mesmo tipo de humanidade, brutal, egoísta e preguiçosa.

Uma das coisas que mais nos surpreende na obra de um grande pintor, quando a estudamos na sua totalidade, ou em parte importante dela, é o valor que ele sabe dar a trechos, a objetos, a combinações que nos passariam debaixo dos olhos indiferentemente e que a sua retina reteve sob um aspeto de tal modo característico e singular que a sua impressão pictórica é como que uma interpretação inédita. É assim que os assuntos que ordinariamente reputamos vulgares ou grosseiros traduzidos por certas paletas se tornam admiráveis ou sublimes.

Há realidades que se encaminham naturalmente para a perfeição; não estará neste caso a vida de um Ménolas Golberg, por exemplo, cujo desfecho material corresponde exatamente ao título da sua última obra: «a desgraça coroada de espinhos»?

24. — Para estudar a imaginação do homem nunca se inventou nada que se compare à fábula da vida celestial.

Junho

4. — Os chineses encontraram para alguma das suas porcelanas um «vidrado cor de luar».

9. — A imensa e incomparável satisfação de compreender e de sentir uma grande obra de arte — sinfonia, poema, estátua ou quadro — complica-se da mais estranha sensação de orgulho, como se dessa compreensão nos viesse uma força nova e uma nova riqueza intangível, ao abrigo das contingências sociais, a posse de um tesouro cujo valor real depende unicamente da faculdade de lhe apreciar as maravilhas; um tesouro que pode ser franqueado ao público, que não pede portas de ferro nem fechaduras de segredo para guardar.

20. — O B.R. vai completando dignamente a sua longa carreira caracterizada por uma vida ininterrupta e intensamente digestiva.

Dezembro

27. — António Carneiro — Visita à exposição das suas obras na *Ilustração*: coisas de grande interesse.

1912

Janeiro

30. — Madrid-Prado — Sanches Coelho, 1590 — Infanta D.^a Isabel Clara — mais claro de tonalidade, mais duro, nada parecido na cara. Exatamente no vestuário.

Fevereiro

14. — Londres — Crises culminantes de sensibilidade que alargam infinitamente o sentimento da vida e dão a um minuto, a uma hora a extensão e o valor de anos.

22. — O egoísmo, a inveja, a luxúria, a indiferença, a vaidade, todo o indispensável mobiliário da vida!

1915

Julho

8. — Saí de Londres às 8 ½. Travessia da Mancha, péssima — companheiros de viagem o Fleurieu e outro francês, diretor da C.^a de Gás em Lisboa.

Paris — Chegada às 7 h. Encontro na gare o Bettencourt Rodrigues com o Brederode e o Aguiar. Não tenciono dar a demissão.

9. — Saí de Paris às 9 e 50. Cheguei a Irun às 12 ½ e segui para Madrid às 3 ½.

10. — Cheguei a Madrid às 7 h da manhã indo para o Hotel Ritz, n.º 210.

Prado — Visita ao museu. Suponho que os meus dois quadros bíblicos oblongos serão do Castillo.

11. — Almoço no Palace Hotel com Harding. Conversámos depois do almoço sobre futuro Tratado de Aliança com Espanha cuja vantagem para Portugal não pude perceber. O Harding, pessoalmente, declarou-se favorável ao tratado dando-me a impressão de que ele o desejava, embora não lhe fosse muito vantajoso para aumentar o crédito da sua missão. Como o tratado é para depois de acabada a guerra, e tem primeiro de passar pela feira do F.O., veremos o que dá.

A. Ferreira, F.º R., D.F. e Dr. F. — Fiz conhecimento destes delegados à comissão de pesca, o primeiro dos quais é o mesmo que indigitaram como meu substituto em Londres e o Vasconcelos disse-me que o meu amigo José de Castro o convidara para me substituir recusando ele pela razão (além da incompetência modestamente confessada) de que não iria para Londres sem continuar as suas relações pessoais com o Rei Manuel. Marquesa del Mereto — vi-a à noite no hotel.

Partida — Às 11 e 35 vindo à estação o Vasconcelos, Jorge Santos, Álvaro Ferreira e Cisneiros.

12. — Lisboa — Chegada às 2 e 30.

13. — Ministro de Inglaterra — Demorada entrevista.

Museu das Janelas Verdes — Visita interessante — maior interesse pelos primitivos portugueses.

14. — Exposição nas Belas-Artes — Visito-a com o Camacho. Três coisas interessantes: retrato pelo Malhoa de um sujeito de pálpebras inflamadas; melão do Columbano e pôr do sol na Praia da Rocha do Trigoso.

15. — Ministro de Inglaterra — Fui almoçar à legação onde encontrei o novo secretário que chegou ontem com a mulher em substituição de Yang, que deixou a diplomacia.

16. — Ministros de Inglaterra — Vieram jantar comigo.

19. — *Biarritz* — Cheguei às 10.45. Calor grande. Na praia correm de quando em quando sobre o mar azul ondas verdes, de vidro verde, que se desfaziam nos leixões em cabeleiras brancas ou se levantavam na praia em densos rolos de espuma sorvetada. Saí de Biarritz às 5.15 e cheguei a Paris às 7.15 da manhã seguindo para Londres.

1917

Abril

12. — A. Costa — Jantei com ele no Meurice. Assistiam a família, o U. Rodrigues e o Chagas — depois de jantar encontrámos no salão de espera o Venceslau de Lima (que estava com o B. Cabral) e se desfez em amabilidades. Chagas — fui vê-lo à legação e ali encontrei um tal Arenas de Lima, personagem tão excepcional e inverosimilmente ridículo que devo consignar este encontro como um dos mais extravagantes da minha vida.

21. — Graça Aranha — Fui almoçar com ele à Av. Wagram. Estava a mulher, a M.^{me} Magalhães, mulher do ministro do Brasil, que se desculpou por motivo de doença, e um secretário da legação em Londres.

1918

Janeiro

7.-8. — Partida Londres — Parto às 11.55 chegando a Boulogne às 4.30. Partida de Boulogne às 9 e chegada a Paris às 9 da manhã — Hotel do Palais d'Orsay — Quarto n.º 34 a fr. 25.

J. Chagas — Fui vê-lo.

9. — P. Osório e A. Navarro — Antes de jantar encontro-os no hotel esperando a vinda do B. Machado que o Chagas me dissera que telegrafou à partida de Madrid.

13. — Madrid — Museu do Prado — Retratos, galeria central, sala do Velázquez, etc. Duas horas de corrida, mas muito cansado para «sentir». A *Maja Desnuda*, um pequeno quadro do Veronês, *Moisés Encontrado no Nilo*, os retratos do Pantoja foi o que mais me interessou. Um grande quadro de Van Dyck *Cristo da Cana* é o original da cópia que o filho do...²⁸ copiou, cópia que sempre me prendeu a atenção. No original, que é quase quadrado, não há a personagem que figura na cópia, à esquerda, vestida ou coberta com uma pele de animal, mas há um grande cão que ladra e que me pareceu não figurar na cópia. A cópia é sobre o comprimido e redução de um décimo do original.

15. — M. do Prado — Bassano — Encontro uma «expulsão dos mercadores» muito semelhante à minha mas com variantes e sobretudo à esquerda, onde há um rapaz ajoelhado com as mãos sobre uma grande gaiola. Os brancos aproximam-se mais dos meus. Estou em atribuir o meu Bassano ao Francisco (cujos brancos são iguais aos meus) e que teria copiado o quadro de outro do pai.

As paisagens de Mazo e a estátua de Hypnos foi o que mais me interessou.

Tomei chá com M.^{me} Guinle e assistimos juntos à festa da Cruz Vermelha no Ritz. Jantámos²⁹ depois em companhia da condessa.

Pastora Império — Fomos os três ao *Roma* ver a Pastora Império, que dança um tango admirável.

16. — Harding — Almocei com ele e Lady Harding e um secretário na embaixada.

17. — Lisboa — Fui para o Avenida Palace, quarto n.º 153 (4500 por dia).

²⁸ Ilegível.

²⁹ Teixeira-Gomes e Harding, o embaixador inglês em Madrid.

18. — Sidónio Pais — Fui esperá-lo à Estação do Rossio e depois cumprimentá-lo na câmara municipal. À noite vi-o no Avenida Palace e disse-me que me receberia amanhã (nas Necessidades) às 4 h.

Vasconcelos e Sá — Falámos das expedições de África. Machado dos Santos — Ficou de vir almoçar comigo para saber a situação internacional.

19. — Sidónio Pais — Fui vê-lo. Falou-me da atitude da imprensa inglesa e disse-me que não tinha havido por parte da legação a necessária propaganda sobre a Revolução de 5 de Dezembro; respondi-lhe que a ação da legação sobre a imprensa inglesa era nula. Replicou-me que em Berlim tivera a imprensa sob a sua influência sem ter empregado outros meios além da persuasão e como eu lhe observasse que a atitude da imprensa fora favorável ou pelo menos não fora hostil à revolução, queixou-se de um artigo do *Times* (correspondência de Lisboa) que apareceu em 8 do corrente. Depois disse-me que houvera na minha atitude para com os negócios da guerra uma mudança; expliquei-lhe que a minha atitude fora sempre cumprir a Aliança e não entrar na guerra sem que fosse convocada a Aliança. Disse depois que a atitude que eu tomara na Inglaterra, de resto, cumprindo as instruções do meu Governo, me incompatibilizou com a defesa do caminho que este Governo agora queria seguir e assim julgava que eu devia pedir a demissão.

Disse-lhe que concordava absolutamente com as suas vistas e perguntei se era a demissão pura e simples ou com passagem à disponibilidade. Respondeu, depois de várias reflexões, que sem passagem à disponibilidade. Falámos sobre a casa da legação e disse-me que não tinha dúvida em que eu ficasse com ela. Referiu-se ao novo estado das coisas como ao acontecimento mais notável da nossa história moderna em comparação do qual o 5 de Outubro pouco valia. Disse que já não era unionista, que não tinha partido algum, que a circunstância de haver no ministério alguns membros unionistas não significava que esse partido ali dominasse e que agora o que havia era um partido nacional.

Brito Camacho — Conte-lhe à noite, na *Luta* (e ao A. de Vasconcelos), o que se passara com o Sidónio Pais.

20. — A. de Vasconcelos — Disse-me na *Luta* que o Sidónio Pais o mandava para Londres, que se ia pedir o *agrément* e que o Egas Moniz ia para Madrid.

21. — Bet. Rodrigues — Fui à estação despedi-lo à sua partida para Paris.
B. Camacho — Veio almoçar comigo.

Carnegie — Fui vê-lo. Conversa geral. Vem almoçar comigo amanhã, 1.30, e fiquei de almoçar com ele depois de amanhã, quarta, 1.30, se a mulher já estiver restabelecida.

Gastão da Cunha — Encontrei-o na rua. Vem almoçar comigo amanhã, 1.30.

22. — Almoço — Vieram Carnegie, Gastão da Cunha, o F. de Andrade. O Carnegie disse-me que a mulher ainda estava doente e pediu para adiar para depois de amanhã o almoço na sua casa para o qual convidaria o A. de Vasconcelos se eu não visse inconveniente, que, naturalmente, não vi.

23. — Falei com o Gonçalves Teixeira e disse-lhe que tencionava voltar a Londres esta semana ou o mais tardar segunda-feira e que perguntasse ao S. Pais se me dava o passaporte diplomático.

— Esse pregão cantado que enche as ruas de Lisboa.

24. — Legação inglesa — Jantaram os ministros da Espanha, da França, o F. de Andrade, o A. de Vasconcelos, Gonçalves Teixeira, Lambertini Pinto, secretário da legação. O Gonçalves Teixeira comunicou-me que o ministro não renova o passaporte.

25. — Camacho — Fui buscá-lo à *Luta* e fomos ver a exposição de pintura e desenho B...³⁰ e depois andámos juntos.

G. da Cunha — Ontem veio ao hotel e trouxe-me um telegrama do Fontoura pedindo notícias minhas. Fui-lhe agradecer e ele respondeu para Londres que eu estava bem mas não sabia ainda quando regressaria.

Camacho — Fui vê-lo à *Luta*. Disse-me que o S. Pais tinha informação de que eu fizera este absurdo: não dissera ao G.I. que fora chamado a Portugal, mas sim que me decidira a vir ver a situação pois achava as disposições destes senhores escuras. Respondi-lhe que nada havia mais fácil de esclarecer: bastava consultar Sir P. Graham ou Sir E. Crowe, com quem falei no F.O., para saber que tudo aquilo era mentira.

³⁰Ilegível.

Polícia — Quando entrava no quarto do hotel às 2 da manhã, vieram três polícias secretos encarregados pelo juiz de instrução criminal a saber se eu tinha algum passaporte ou papel diplomático dado pela Legação inglesa. Afirmei-lhes sob palavra de honra que não e depois de lhes mostrar os meus papéis eles levaram o meu passaporte trazido de Londres e a carta do Carnegie convidando-me para o jantar de ontem. Comunicaram-me ainda que me devia conservar detido no hotel e pediram-me para dar a minha palavra de honra de que não tentaria sair, o que fiz.

26. — Interrogatório — Vem o juiz Alfeu Cruz interrogar-me sobre o meu procedimento em Londres depois da revolução, operação que durou mais de três horas. Fazia de escrivão um alferes (ou coisa que o valha) tarimbeiro e assaz paciente.

Almoço — Estiveram meu irmão e o filho e depois de almoço veio o Camacho.

Jantar — Só.

28. — Ministério dos Negócios Estrangeiros — Escrevi pedindo que comunicassem ao F.O. pelo ministro inglês as acusações contra mim, certo que dali viria logo prova da sua falsidade.

29. — Nada. Vieram alguns amigos.

Fevereiro

1. — Veio a minha sobrinha visitar-me e veio também o sobrinho António, que está em vésperas de partida para França. À tarde o A. de Vasconcelos, que passou a noite comigo até depois das 12, e A.L.V.^a. O Camacho há três dias que não aparece. Dizem-me que parte esta noite para Braga onde conferenciará sobre a Lei da Separação.

2. — Nada de novo.

4. — Chefe da Polícia — Veio às 7 h dizer-me que estava livre e como eu lhe dissesse que me não convinha estar em Lisboa nem ir ao Algarve e desejava ir passar uns dias à Figueira disse-me que podia ir para onde quisesse que estava livre.

Fui a casa do A. de Vasconcelos e depois à *Luta*.

5. — A. de Vasconcelos — Veio almoçar comigo e depois fomos visitar o Museu de Arte Moderna (dois S. Porto incomparáveis, admirável paisagem do Anunciação) e daqui à Exposição dos Consagrados.

10. — O B.C. disse-me que o Sidónio considera o telegrama do C. obra de favor (!) e estava ainda mais contra mim.

13. — A. de Vasconcelos — Jantei na sua casa assistindo o B. Camacho, Moura Pinto e Dr. Barral. O Vasconcelos parte amanhã às 8.50.

14. — A. de Vasconcelos — Fui despedir-me à estação às 8.50 da manhã. Dou-lhe as chaves que tenho para limpar as minhas gavetas da chancelaria.

Junho

16. — A. de Vasconcelos — À tarde veio o Vasconcelos a pretexto de conversar sobre a casa de Londres. Afirmou que fizera várias tentativas de falar ao Sidónio sobre a necessidade de me deixar ir a Londres mas não tinha conseguido atenção. Esta noite tornaria a insistir. Disse-lhe que não era o Sidónio que estava nos meus móveis mas sim ele, Vasconcelos, cuja situação era, pelo menos, ridícula. Ou eu ia a Londres buscar as minhas coisas ou então passar-lhes-ia a casa que está em meu nome ou ele teria de sair deixando as minhas coisas e levando o que pertencia ao Governo e de que o Câmara Manuel fez inventário do qual eu lhe dei cópia. Parecia-me que se o Sidónio lhe não dava atenção em conversa lhe devia escrever, no que ele conveio.³¹

18. — A. de Vasconcelos — Partiu ontem para Londres sem me comunicar, como prometera, a resposta do Presidente sobre a minha ida. Hoje, na *Luta*, dizendo isto diante do Camacho, este disse-me que o Sidónio

³¹Nunca foi satisfeita a justa reclamação de Teixeira-Gomes e durante todo o tempo que permaneceu afastado do seu lugar em Londres estiveram a sua mobília e preciosidades artísticas nas condições que aqui aponta.

recusara licença para a minha saída, o que o Vasconcelos lhe comunicara em carta sem que isso fosse para me ser transmitido e juntou que o Vasconcelos estava na resolução de deixar a casa no fim do mês, entregando a chave à polícia. (Se isto se desse, penso eu que significaria nem mais nem menos do que pôr-me fora da lei, pois nem ao menos o ministro de Portugal entregava à guarda do cônsul português o que era propriedade de um português.)

SOBRE A GÉNESE DE UM ROMANCE

(Carta a Castelo Branco Chaves)

Bougie, 18-9-937

Meu caro amigo:

Sem mais preâmbulos aqui estão as informações prometidas: — Eu vou nos 78 anos de idade, e podia até dizer nos 79 se contasse os meses que levei no ventre materno, como é uso em certos países; além da velhice sofro de inumeráveis achaques, e para completar o quadro há mais de dois anos que a vista e o entendimento começaram a declinar com implacável e acelerada velocidade, de modo que faz já muito tempo que o máximo que posso escrever será uma hora por dia, e isso vagarosamente e de madrugada, quando acordo; e todas as minhas leituras diárias, incluindo os jornais, não somam duas horas. Nestas condições seria pura insensatez fazer projetos, mas lá vem um momento em que dizemos com os nossos botões: se ainda tivesse vida e força gostava de escrever ou publicar tais e tais livros. Foi o que me sucedeu quando eu possuía já a consciência plena da minha invalidez e incapacidade de levar ao cabo qualquer trabalho mesmo de curtíssimo fôlego. Aí se originou a ideia de fechar o ciclo dos trabalhos literários com uma exposição de amostras dos meus principais contactos com o mundo material e espiritual, e, pelo menos, um livro de «vida oficial», especificadamente sobre a nossa entrada na guerra. A exposição de amostras, que se intitularia *Miscelânea*, constaria

de quatro tomos, sendo o primeiro, que saiu já, sobre «impressões de viagem e de arte», o que esqueceu indicar no frontispício. O segundo seria *Carnaval Literário* e está por assim dizer completamente publicado na imprensa periódica. O terceiro versaria sobre «questões sociais» e além de vários artigos soltos compreenderia dois extensos estudos, *O Urso Branco* e *Diálogos Impertinentes*, o último dos quais apareceu em parte na *Seara* e suspendi na certeza de que lhe poriam embargos à continuação; e do primeiro vieram vários capítulos no *Diário da Noite*, mas tão estropiados que julgo impossível restabelecer-lhes o alcance sem um esforço de que já me não sinto capaz. O tomo quarto traria estudos sobre escritores e artistas, para o que tenho alguns elementos aproveitáveis mas que nem ainda principiei.

Como sabe, para em tudo sermos singulares, tivemos duas entradas na guerra. Acerca da primeira dirigi ao Governo um compridíssimo ofício, que figura no nosso «livro branco», e da segunda conservo o diário que escrevi em Londres, durante a missão do Afonso Costa e Augusto Soares. Esses dois documentos formariam o primeiro volume da minha «vida oficial», aos quais, para arredondar a obra, juntaria os artigos publicados na *Seara* sob o título de «Uma Fácil Vitória Diplomática». Agora uma notícia que talvez lhe cause surpresa. O «género romance» nunca me inspirou paixão, mas por duas vezes tentei explorá-lo ou experimentá-lo; a primeira há mais de quarenta anos, numa obra que rasguei quando ia já nas cem páginas (quantas coisas não tenho eu destruído nessa altura; dir-se-ia um número fatídico!), e a segunda, dez anos depois (chamava-se *Ana Rosa* e até veio anunciada nos jornais), sucedendo que na altura fatal perdi o manuscrito; julgo que o deixei, na nossa Legação de Madrid, dentro de um caixote ou mala que nunca mais houve às mãos. Este inverno, porém, projetou-se-me subitamente na imaginação o esquema de um romance, completo, acabado, em linhas tão atraentes e sedutoras que não resisti à tentação de o escrever; fi-lo com relativa facilidade, em dois meses. É obra que depois de «espremida a massa» ao máximo (tipo grado, entrelinhas, intervalos dos capítulos, etc.), mal dará duzentas páginas. Intitula-se *Maria Adelaide* e nenhuma afinidade tem com as duas tentativas passadas; muito diferente do que por aí corre, embora não pretenda ser de acentuada originalidade, salvo nos traços de segura e crueldade que ali transparecem em certas passagens. É obra que só um velho conseguiria produzir. Poderia aumentar-lhe o volume

introduzindo-lhe algumas digressões, mas isso, a meu ver, prejudicava-lhe o efeito de unidade. Pequeno como é, está muito mal escrito; dir-se-ia que segui nele o bem conhecido preceito do Bourget (de que tanto usou e abusou): «um romance não deve ser bem escrito». Mas não foi isso; tinha necessidade indispensável de manter no narrador, que é indivíduo de medíocre cultura, o cunho da linguagem algarvia. Escrito em dois meses, vai já em três que ando com a cópia às voltas e ainda está no meio. E não é o trabalho de polir que me empacha (quando copio pouco emendo), neste caso seria antes o receio de lhe pôr ornamentos literários que desfigurassem, alterassem ou deturpassem o indispensável tom ingénuo e sincero. Copiar, para mim, constitui o pior dos tormentos, físicos, materiais e mentais, acrescento que é nessa tarefa que me escapam as mais gordas asneiras, mormente no campo ortográfico (verdade seja que nesse capítulo fui sempre fraquíssimo). Resumindo este longo e mal-alinhavado aranzel: tenho só dois livros acabados: *Maria Adelaide*, que, se chegar aí a tempo, sairá no começo do ano próximo, e *Carnaval Literário*, que fica para 1939.

Seu muito admirador e amigo dedicado,

M. Teixeira-Gomes

N I M P R E N S A
N A C I O N A L

© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

FILOSOFIA DE TRAZER POR CASA...

O eterno esplendor da vida! — dizia o Gobineau. (Aqui só há a admirar que fosse ele quem o dissesse.)

O que o pensamento dos filósofos parece variar conforme a conta em que os têm os seus comentadores! O próprio Nietzsche, tido e havido por tanta gente boa pelo tipo completo do céptico, achou quem lhe encontrasse intenções e virtudes construtivas em todos os campos da existência social e individual, até ao ponto de aspirar à revelação de um misticismo inédito: o misticismo ateu, ou laico, ou profano...

Mas tem consigo, na sua vastíssima obra, uma ótima «constante»: jamais se remonta a grandes rasgos de retórica...

A simplicidade genial da música de Gluck...

Dizia-me um filósofo encartado: «Cheguei ao conhecimento da existência de Deus pelo sentimento, pela intuição, pela experiência interior, etc.»

Será muito claro, mas eu é que não percebo a eficácia, a certeza deste processo...

Título para uma comédia: «O filósofo recalcitrante», onde o protagonista bem-humorado, em conflito de ideias com o «místico», o «anarquista»,

o «moralista», o «filantropo», persiste na crença de que a vida é boa e o homem será sempre mau.

O bem e o mal! O que é o mal? Se o considerarmos como desarranjo ou estrago do que está feito, devemos tê-lo pela coisa mais simples do mundo. Construir, criar: que dificuldade; desfazer, destruir: que facilidade!...

Mas há o lado moral da má ação: o crime; e aqui acode lembrar que ele redobra de crueldade no assassino que resolveu praticá-lo e tem de antemão a absoluta certeza da sua impunidade.

O lado moral! E não houve já quem até ao assassinato desse foros de obra de arte, ajuntando que a moralidade é o refúgio predileto dos inimigos do Belo, ou daqueles que são impermeáveis aos seus encantos?...

Que sublime cruzada essa de correr mundo em busca do que é belo!... e felizes sem par aqueles que o encontram. Porém há casos em que é triste descobri-lo e não lhe dar publicidade. O que eu instei em Londres com o meu amigo Sir Denison Ross (aqui soa a nota patriótica), orientalista, arabista, filólogo, especializado em assuntos asiáticos, para divulgar as curiosas e preciosas referências, que encontrou nos manuscritos persas, às proezas dos portugueses nos homéricos tempos das Conquistas! Tê-lo-á ele feito?

Consideremos (aqui, releve-me o leitor, retine, talvez, a fífia erudita), consideremos a descoberta das oitenta e uma máximas de Epicuro, feita pelo Dr. Wortke no Vaticano (em 1888), como um acontecimento comparável, por exemplo, à exumação dos mais formosos mármores de Cherchel...

A explicação do esforço dos russos para chegarem a Constantinopla está na necessidade latente, comum a todos os povos, de virem ao Mediterrâneo provar a experiência, porventura inútil mas sempre brilhante, da civilização material e moral, impossível de se realizar em qualquer outra região do mundo...

Como sucede com certos povos, famílias há tão rigorosamente constituídas à imagem e semelhança dos seus chefes, que transformam o covil

onde habitam — o mundo artístico e confortável — num verdadeiro prostíbulo de almas; ali se destilam dia e noite as mais corrosivas peçonhas espirituais, e se os incautos consentem que crianças suas lhes transponham os umbrais, nenhuma de lá volta sem ser duplamente desflorada e eivada para todo o sempre de despejo... venéreo...

Com tudo isto e por mais voltas que dê ao miolo, continuo sem atinar com a definição exata do que seja o Bem e o Mal.

É facto que definir com incontestável exatidão a coisa mais simples não cabe nos limites da capacidade humana...

Isto lembra-me o que sucedeu com a definição de arte encontrada pelo Zola: «A natureza vista através de um temperamento.» O barulho que isso causou! Até as inteligências mais pechosas aplaudiram. No entanto, uma tarde, no café, um boémio insignificante fez certa observação faceta que deixou todos os ouvintes enleados. Para ser perfeita essa definição, apenas lhe faltava uma palavra, sentenciava ele: «Arte é a natureza vista através de um temperamento... artístico.»

1940³²

³² «Filosofia de trazer por casa» era originalmente seguida de um texto intitulado «Ana Rosa», o qual se encontra publicado em *Obras Completas II*, Imprensa Nacional-Casa da Moeda/Câmara Municipal de Portimão, 2009, pp. 349-358. (*N. de E.*)

N I M P R E N S A
N A C I O N A L

© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

NOTAS ENSARTADAS A MODO DE POSFÁCIO

Da primeira edição

Para servir o leitor e acompanhá-lo através destas páginas dispersas de Teixeira-Gomes pensava, ao compilá-las, escrever um prefácio onde analisasse a estética do grande artista e, a pretexto destes fragmentos, tentasse refutar muito juízo leviano e erróneo, quando não estúpido ou mal-intencionado, que por aí corre sobre a obra do autor de tantas páginas perfeitamente belas. Refletindo melhor, porém, pareceu-me isto deslocado e talvez pedantesco, guardando-me para noutra ocasião realizar meu intento. E como Teixeira-Gomes nas *Cartas a Columbano*, «mudei o prefácio em posfácio, que é sempre um quadro resumido em miniatura, mas sem grande unidade», e dei-lhe o mesmo título que ele deu às notas finais desse livro.

Se há obra de cujo conjunto um livro desta natureza não destoe muito, essa obra é a de Teixeira-Gomes, que compunha os seus livros de pequenas e soltas obras-primas. Especialmente *Inventário de Junho e Agosto Azul* lembram por vezes uma coleção de tânagras do melhor período e todas as suas obras são como um políptico de pequenos quadros em volta de um imaginário painel central onde Vénus e Apolo se apresentassem unidos tal como no Parnaso de Mantegna Marte enleia o braço de Vénus. O próprio autor aprovou a ideia de uma compilação destes fragmentos propondo-lhe o título modesto de *amostras* ou *retalhos*. Dizia-me ele em carta de 10 de junho de 1939: «A impressão que lhe causou o primeiro capítulo de *Ana Rosa* decidiu-me a proceder à sua leitura, o que fiz, mau

grado o empacho dos meus olhos, que preciso poupar para trabalhos mais úteis. Cheirou-me a “literatura póstuma” e julgo que só depois da minha morte deverá ser publicada, com outros fragmentos como *Londres Maravilhosa*, num livro que se poderá intitular “de amostras” ou “de retalhos” ou coisa equivalente. Isto se a memória do meu nome me sobreviver algum tempo e se aparecer editor que tente a aventura.»

Editor não faltou, e a memória do nome de Teixeira-Gomes sobreviverá enquanto houver quem ame obra composta na nossa língua com vigor e pureza de desenho, severa elegância e ritmo harmonioso.

Talvez o preceito fundamental da estética de Teixeira-Gomes seja de que o «artista precisa muito mais de uma “técnica” do que de uma “estética” e que para dar expressão a qualquer arte o necessário é técnica e talento; linguagem castigada e novas sensações. Muito trabalho, muito saber...»

O principal elemento da composição do «seu estilo» era a linguagem, que Teixeira-Gomes conhecia e trabalhava admiravelmente. «Mesmo o escritor recheado de “estética”» — escreveu a Columbano — «se não souber gramática e o sentido das palavras, é incapaz de tecer coisa de jeito.»

Este princípio, a pureza quase imaculada da sua linguagem, as maravilhosas construções sintáticas do seu estilo levaram a crítica indígena, sempre simplista, a cognominá-lo nuamente de *prosador*. Teixeira-Gomes para ela é apenas um *prosador*. Toda a originalidade do artista, a fantasia, o humorismo, a composição, o poder plástico das suas criações literárias, o sensualismo da sua arte lhe escapa ou voluntariamente se omite.

Na arte de Teixeira-Gomes um dos elementos poderosamente genéticos é, sem dúvida, a «evocação». A memória tem no fenómeno da criação estética uma função preponderante e, em certos artistas, a imaginação muito se aproxima da recordação de uma realidade reflexa. Imaginar, para estes artistas, é recordar o que foi, não como na realidade aconteceu mas como deveria ter acontecido se a vida se realizasse num plano puramente estético. Teixeira-Gomes confessava a sua «incapacidade insanável de descrever o que me está debaixo dos olhos, ou o que vi recentemente» e a «inclinação paradoxal que me desvia o pensamento de tudo quanto me cerca para o que está ausente e longe». É que realmente só se guardam para a Arte as recordações e as visões que não quisemos guardar e que

só inconsciente e involuntariamente fixamos. O autor dos *Regressos* confessou isto ao escrever: «As imagens que a visão direta desperta têm um tom altamente pitoresco, mas cru. Para alcançar o sentido poético, fácil de exteriorizar, transmitindo a emoção ao leitor, precisam ser largamente decantadas na alma, pela saudade e... pelo tempo.»

Mas são, estes, aspetos da sua obra que só poderão ser desenvolvidos em espaço mais vasto. Aqui, em notas brevíssimas, apenas os sugestiono ao leitor.

Ainda como simples sugestão me referirei ao sensualismo da sua arte. «Apesar da minha provada indiferença pela opinião pública» — escrevia-me Teixeira-Gomes em agosto de 1934 — «repugna-me bastante ser considerado como autor pornográfico. Foi sempre desejo meu escrever um livro onde a sensualidade atingisse os extremos limites, sem ser obsceno». Principalmente aqui o atingiu a incompreensão de parte dos leitores dos seus livros — os menos inteligentes e finos, como é natural. Nunca esses se aperceberam que a Arte é a grande metáfora da sensualidade e que, como escreveu Thibaudet, «l'érotique subtile est un produit de culture».

E já que nesta breve e divagadora palestra estou sugerindo ao leitor alguns pontos de meditação sobre Teixeira-Gomes como artista, não será deslocada uma outra observação sobre o homem que corrente e vulgarmente é considerado como um puro hedonista.

Os derradeiros tempos da vida de Teixeira-Gomes assemelham-se extraordinariamente aos últimos dias de um grande poeta, de um subtilíssimo ironista que ele altamente prezou. Como Heinrich Heine, também ele morreu na solidão, sofreu longa e porfiada agonia e como ele estava quase cego ao terminar a vida. Em ambos o mesmo pudor da sua miséria física final e nos dois o mesmo orgulho ao recusarem a piedade e os lamentos. «Não quero que tenham piedade de mim» — exclama Teixeira-Gomes; «Ne vous apitoyez pas trop sur moi» — pede Heine a Théophile Gautier quando este o vai visitar.

A atitude de serena coragem perante a adversidade e a morte não é, como muitos julgam, apanágio daqueles que têm fé na clemência do seu Deus e assombrosa confiança no mérito das suas virtudes. Essa coragem podem possuí-la os incrédulos desde que a sua alma tenha robustez heroica

para aceitar a fatalidade das leis da vida como o santo e o místico aceitam as determinações da vontade de Deus.

Muitos julgavam Teixeira-Gomes um epicurista; sê-lo-ia, mas o seu epicurismo era temperado de estoicismo. Um epicurista puro termina a vida como Anatole France — preso a si próprio, aos seus prazeres, acorrentado a predileções. A Marcel Le Goff, Anatole confessa: «A la pensée de quitter mes meubles, mes tableaux et mes livres, je sens que je ne pouvais pas.» E não pôde, embora reconhecesse o que havia de ilógico entre esta atitude e as suas ideias políticas e sociais. Mas os homens só conseguem ser coerentes com o seu temperamento; com as suas ideias só por acaso tal acontece.

Teixeira-Gomes vive os seus últimos vinte anos separado dos belos quadros, dos móveis raros, das coleções preciosas que possuía. Mas não só separado — dá, distribui-as generosamente por museus, por amigos, por simples correspondentes. E vive modesta e simplesmente num quarto de hotel, numa vida apagada, gastando consigo, como dizia numa carta, apenas umas centenas de francos por mês. A renúncia, o desapego, a coragem em ser só, o desprezo pelas coisas e pelos atos efêmeros revelam, sem dúvida, um fundo estoico no carácter deste homem.

Este volume compõe-se de dispersos («Londres Maravilhosa», «Diálogos Impertinentes», «Sobre a Génese de Um Romance (Carta a Castelo Branco Chaves)», «Filosofia de Trazer por Casa») e de inéditos («Apointamentos», «Excerto de Um Discurso Pronunciado em Francês»).

Sobre estes últimos convém, para elucidação do leitor, prestar esclarecimentos. Ei-los:

APONTAMENTOS

Todos aqueles que amam a espontaneidade e o improvisado e se deleitam, por curiosidade de espírito ou mera indiscrição, a surpreender o artista nas suas tentativas estéticas ou nos incidentes da sua sensibilidade e do seu espírito — todos esses, estou certo, ficarão gratos à publicação destas notas que extraí — e melhor diria se confessasse tê-las decifrado — dos cadernos de apontamentos em que quotidianamente Teixeira-Gomes registava as mais

variadas coisas, desde a insignificância até à impressão artística e ao episódio político ou diplomático.

Há quem conteste o direito de se publicarem tais coisas e negue dignidade e nobreza à curiosidade que despertam; a mim, afigura-se-me ser legítimo e proveitoso fazê-lo desde que tal publicação não oculte o fim a que se destina nem se apresente de maneira a ludibriar aqueles que só exigem obras construídas e acabadas na forma que é curial apresentá-las ao público. Quando, porém, tais impromptus são dados não como mais uma obra de um autor, mas sim como subsídio para o estudo desse autor, parecem-me ser tais publicações mais para louvar que maldizer.

No arquivo de Teixeira-Gomes encontrei, quando procedia ao seu inventário e arrumação, um maço de pequenos livrinhos (doze, ao todo) de capa de oleado uns, outros de capa de carneira e cuja seriação cronológica sofre o percalço de grandes saltos. Dois livrinhos são de 1905 (16 de abril a 15 de maio); cinco de 1911; dois de 1912; um de 1915; um de 1917 e um de 1918. A página da esquerda era apenas preenchida por uma cota, por certo para fácil consulta, e ali se inscreviam datas, nomes e assuntos a que as notas da página direita se referiam.

Dessas notas extratei apenas aquilo que não podia constituir indiscrição pessoal nem tinha carácter puramente íntimo e familiar. Eliminei também os apontamentos de somenos importância como despesas realizadas, nota das cartas recebidas e acusadas, etc.

Não há nestes apontamentos, como é natural, composição literária ou cuidados de estilo. São, em toda a sua nudez e desalinho, simples apontamentos, grafados em estilo telegráfico e somente destinados a aliviar a memória. Apenas a tal fim se destinavam e embora sobre tais cadernos Teixeira-Gomes tivesse feito um dos seus livros — Regressos —, nunca o grande artista pensou que tais apontamentos pudessem interessar e fossem dignos da estampa. O pudor do artista faz com que ele não considere e muitas vezes tenha horror a estes documentos onde se evidencia a sua luta com a imperfeição e onde muitas vezes ela triunfa para ao fim ser vencida. Ao artista o que interessa é o triunfo alcançado e não a batalha que feriu.



«Para saborear (e liquidar) recordações» — escreveu Teixeira-Gomes — «nada há como escrevê-las», e foi para outra vez lhes haurir o sabor e, em imaginação, as reviver que Teixeira-Gomes se deu a criar os seus últimos livros, de uma frescura e uma limpidez admiráveis e cheios de fantasia que ao mesmo tempo é melancólica e cheia de graça.

Talvez aquilo que primeiramente e de preferência o artista busque na realização da sua obra seja o próprio divertimento, o prazer, o estado eufórico da criação. Mais que pela imaginação Teixeira-Gomes criava pela evocação e a memória foi nele singularmente criadora. Confessa-o:

«Tornara-se-me completa a felicidade apenas soltara da memória os espetáculos e quadros que ela ciosamente arquivara. Brincava com as imagens visuais como os filósofos com as ideias abstratas...»

Exilado e só, já doente, sem sonhos prospetivos, Teixeira-Gomes deu-se a reviver o seu passado como se ele fosse uma criação artística da sua imaginação e do seu espírito. É, afinal, e só nisto, um caso muito semelhante ao de Proust. A vida vivida é uma metáfora onde a realidade se transcendentiza e cria uma existência de dimensões puramente estéticas. Os seus últimos livros são momentos desse regresso em que os cadernos de que aqui se publicam extratos desempenharam grande missão.

Avaliá-lo-á bem quem recorde ou releia as páginas de Regressos — esse livro admirável que só encontra parceiro na língua portuguesa se nos lembrarmos das Viagens na Minha Terra.



Páginas para estudiosos e para aqueles que têm o culto gosto de admirar a obra literária de Teixeira-Gomes, não devem, porém, estes apontamentos figurar no elenco das suas obras, pois não são mais que pedras por afeiçoar. Ajudam-nos, porém, torno a acentuá-lo, para compreender e melhor avaliar o labor das suas páginas acabadas e perfeitas.

O deleite artístico que uma obra de arte produz pode não ser bastante como ensinamento estético se não se conhecerem os transe da criação e os estádios do seu aperfeiçoamento. Talvez que para alguns a apaixonada humanidade de Racine, por exemplo, fosse mais evidente se o conhecessem no calor da gestação, no apuramento laborioso da forma perfeita, na lenta e por certo torturada composição das suas harmonias.

EXCERTO DE UM DISCURSO PRONUNCIADO EM FRANCÊS

Este discurso foi pronunciado em francês, por Teixeira-Gomes, no Palácio Municipal de Stratford-on-Avon por ocasião das celebrações shakespearianas ali realizadas em 22 e 23 de abril de 1912.

Tendo o professor Gallancz solicitado a colaboração de Teófilo Braga, Guerra Junqueiro e Dr. Bernardino Machado para o livro destinado a comemorar o tricentenário da morte de Shakespeare e nunca tendo chegado essa colaboração, Teixeira-Gomes foi convidado em 1916 pelos organizadores da publicação a preencher as páginas destinadas a Portugal. Não querendo que o seu país deixasse de figurar na homenagem universal prestada à memória do maior dos poetas ingleses e não tendo tempo para fazer trabalho novo, Teixeira-Gomes traduziu para português parte do discurso que proferira em 1912. Em vão o procurei na íntegra — mas só encontrei a parte que dele foi publicada no livro comemorativo do tricentenário da morte de Shakespeare. Mesmo truncado, afigurou-se-me que não devia este discurso ou o que resta dele ficar esquecido e para sempre amortalhado nas páginas de um livro académico.

A grande imprensa inglesa foi unânime a destacar o valor, beleza e interesse do discurso proferido por Teixeira-Gomes. Sobre ele e sobre a celebração de Shakespeare que o motivou vejam-se os seguintes jornais ingleses: The Times e Westminster Gazette, de 19 de abril de 1912; The Yorkshire Herald, Daily Chronicle, de 23 de abril de 1912; Daily Telegraph, The Standard, Morning Post, The Evening Standard, The Daily Graphic, Daily Chronicle, Birmingham Post, Dublin Express, East Anglian, Daily Times, Yorkshire Observer, Irish Times, Dundee Courier, Nottingham Guardian e Yorkshire Budget, todos de 24 de abril de 1912.

ANA ROSA

Em outubro de 1938 escrevia-me Teixeira-Gomes a perguntar se eu me queria encarregar, nos meus vagares, de ver e ordenar todos os seus papéis da Gibalta. Gostosamente acedi. Mais tarde, alargou-se o meu encargo para a compilação de todos aqueles documentos que considerasse interessantes a fim de os publicar após a sua morte, prometendo enviar-me, na primeira e talvez única oportunidade que se lhe deparasse, os papéis que tinha no seu quarto, em Bougie.

Entre a enorme e interessantíssima correspondência que me foi entregue por Viana de Carvalho, entre minutas e documentos de real valor histórico e que a sua elegância moral teimou sempre em deixar desconhecidos, encontrei dois cartões que capeavam um pequeno volume de papéis que uma fita cingia. Ao canto de um dos cartões estava escrito a lápis: Ana Rosa, e mais abaixo, mas riscado, um outro título: Deliciosa Aventura. Eram quarenta e duas folhas de papel, escritas só na metade direita da folha, ficando, à esquerda, uma margem igual à do manuscrito. Comuniquei o meu achado a Teixeira-Gomes e, a seu pedido, enviei-lho. Releu essas páginas e só as julgou publicáveis depois da sua morte. Cheiravam, dizia, a «literatura póstuma».

Quem conheça Maria Adelaide sentirá a afinidade fraterna que existe entre Maria Adelaide e Ana Rosa e adivinhará facilmente, ao ler este capítulo, que o romance narraria o mesmo caso. Maria Adelaide foi, embora Teixeira-Gomes o não reconhecesse, uma ressurreição de Ana Rosa; a mesma irrupção da arte pela vida, o mesmo dom evocativo, a mesma delicadeza de tons e, sempre, omnipresente, no vocábulo, na sintaxe, na sugestão que, como um perfume, se evola do que escreve, o mesmo afago aos sentidos que é um dos supremos apanágios da sua arte.

Castelo Branco Chaves

ÍNDICE

PREFÁCIO, <i>por</i> HELDER MACEDO.....	5
--	---

REGRESSOS

ÉVORA.....	15
ALCOBAÇA.....	25
SINTRA.....	33
A BATALHA.....	41
O MUSEU DOS COCHES.....	49
NO ALGARVE.....	57
NO PORTO (1893).....	69
BRAGA E O BOM JESUS.....	77
COIMBRA.....	85
LAGOS.....	95
LISBOA (1895).....	101
SANTIAGO DE COMPOSTELA.....	139

MISCELÂNEA

CARTA A ANTÓNIO PATRÍCIO.....	153
CARTA AO DR. AZEVEDO NEVES.....	159

CARTA A VIANA DE CARVALHO	165
CARTA AO DR. F. MIRA.	169
CARTA AO DR. JOSÉ PONTES	175
CARTA A JOSÉ DE FIGUEIREDO.	179
CARTA A ANTÓNIO PATRÍCIO	191
CARTAS AO PINTOR SOUSA LOPES	197
CARTA A JOÃO DE BARROS	203
CARTA A VIANA DE CARVALHO	217
CARTA A VIANA DE CARVALHO	223
CARTA A VIANA DE CARVALHO	229
CARTA AO DR. F. MIRA.	235
PARA UM POETA PAGÃO	241
CARTA A VIANA DE CARVALHO	245
CARTA AO DR. HENRIQUE BASTOS	249
CARTA A ANTÓNIO PATRÍCIO	253
CARTA A JOÃO DE BARROS	259
CARTA A MANUEL MENDES	263
CARTA A ANTÓNIO SÉRGIO	267
CARTA A ANTÓNIO PATRÍCIO	271
CARTA A CÂMARA REYS	277
CARTA AO DR. JAIME CORTESÃO	285
CARTA A JOÃO DE BARROS	289

CARNAVAL LITERÁRIO

ADVERTÊNCIA PRELIMINAR.	295
VARIAÇÕES SOBRE VELHÍSSIMOS TEMAS	297
FIGURAS E QUADROS DE POUCA MONTA	323
DE TUDO UM POUCO.	353
EM PLENO ABSURDO	421

LONDRES MARAVILHOSA E OUTRAS PÁGINAS DISPERSAS

LONDRES MARAVILHOSA	441
DIÁLOGOS IMPERTINENTES	455
EXCERTO DE UM DISCURSO PRONUNCIADO EM FRANCÊS	467
APONTAMENTOS.	471
SOBRE A GÉNESE DE UM ROMANCE	497
FILOSOFIA DE TRAZER POR CASA.	501
NOTAS ENSARTADAS A MODO DE POSFÁCIO	505

N I M P R E N S A
N A C I O N A L

© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

OBRAS DE MANUEL TEIXEIRA-GOMES

- Inventário de Junho*, 1.^a ed., Porto, Typographia de A. J. da Silva Teixeira, 1899; 2.^a ed., Lisboa, Livraria Classica Editora de A. M. Teixeira, 1918; 3.^a ed., ilustrada, Lisboa, Seara Nova, 1933; 4.^a ed., Lisboa, Portugália Editora, 1958; 5.^a ed., com prefácio de Urbano Tavares Rodrigues, Lisboa, Bertrand Editora, 1984.
- Cartas sem Moral Nenhuma*, 1.^a ed., Lisboa, Livraria Editora Tavares Cardoso & Irmão, 1903; 2.^a ed., Lisboa, Clássica Editora, 1912; 3.^a ed., Lisboa, Seara Nova, 1934; 4.^a ed., Lisboa, Portugália Editora, [s. d.] (1958); 5.^a ed., Lisboa, Bertrand Editora, 1986.
- Agosto Azul*, 1.^a ed., Lisboa, Livraria Classica Editora de A. M. Teixeira, 1904; 2.^a ed., Lisboa, Seara Nova, 1930; 3.^a ed., Lisboa, Portugália Editora, 1958; 4.^a ed., Lisboa, Bertrand Editora, 1984.
- Sabina Freire*, 1.^a ed., Lisboa, Livraria Classica Editora de A. M. Teixeira, 1905; 2.^a ed., Lisboa, Seara Nova, 1936; 3.^a ed. (com estudo crítico de Carlos Malheiro Dias), Lisboa, Portugália Editora, [s. d.] (1958); 4.^a ed., Lisboa Bertrand Editora, 1987.
- Desenhos e Anecdotas de João de Deus — Reprodução de Um Artigo da Revista Arte & Vida para Ser Vendida em Proveito da Associação das Escolas Moveis pelo Methodo João de Deus*, Lisboa, Livraria Classica Editora de A. M. Teixeira, 1907.
- Gente Singular*, 1.^a ed., Lisboa, Livraria Clássica Editora de A. M. Teixeira, 1909; 2.^a ed., Lisboa, Seara Nova, 1931; 3.^a ed., Lisboa, Portugália Editora, [s. d.] (1958); 4.^a ed., Lisboa, Bertrand Editora, 1988.
- Cartas a Columbano*, 1.^a ed., Lisboa, Seara Nova, 1932; 2.^a ed. [com três retratos do autor por Columbano], Lisboa, Portugália Editora, [s. d.] (1957).
- Regressos*, 1.^a ed., Lisboa, Seara Nova, 1935; 2.^a ed., Lisboa, Seara Nova, 1935; 3.^a ed., Lisboa, Portugália Editora, 1960; 4.^a ed., Lisboa, Bertrand Editora, 1991.
- Novelas Eróticas*, 1.^a ed., Lisboa, Seara Nova, 1935; 2.^a ed., Lisboa, Portugália Editora, [s. d.] (1961).
- Miscelânea*, 1.^a ed., Lisboa, Seara Nova, 1937; 2.^a ed., vol. 1, Lisboa, Portugália Editora, Lisboa, [s. d.] (1959); 3.^a ed., Lisboa, Bertrand Editora, 1988.
- Maria Adelaide*, 1.^a ed., Lisboa, Seara Nova, 1938; 2.^a ed., Lisboa, Portugália Editora, [s. d.] (1959); 3.^a ed., Lisboa, Bertrand Editora, 1986; 4.^a ed., Lisboa, Círculo de Leitores, 1986.

- Carnaval Literário*, 1.^a ed., Lisboa, Seara Nova, 1939; 2.^a ed., Lisboa, Portugália Editora, 1960.
- Ana Rosa*, Lisboa, Seara Nova, 1941. [«Proémio» de Castelo Branco Chaves, escrito a 22 de outubro de 1941.]
- Londres Maravilhosa*, 1.^a ed., Lisboa, Seara Nova, 1942; 2.^a ed., Lisboa, Portugália Editora, [s. d.] (1960).
- Correspondência I: Cartas para Políticos e Diplomatas*, 1.^a ed., Lisboa, Portugália Editora, 1960.
- Correspondência II: Cartas para Políticos e Diplomatas*, 1.^a ed., Lisboa, Portugália Editora, 1960.
- Sabina Freire, Comédie en Trois Actes*, Carlos Malheiro Dias (préface), Armand Guibert (traduction), Fondation Calouste Gulbenkian, Centre Culturel Portugais, Presses Universitaires de France, 1971.
- Obras Completas I (Inventário de Junho — Cartas sem Moral Nenhuma — Agosto Azul)*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda/Câmara Municipal de Portimão, 2009.
- Obras Completas II (Gente Singular — Novelas Eróticas — Maria Adelaide)*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda/Câmara Municipal de Portimão, 2009.

N I M P R E N S A
N A C I O N A L

© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

N I M P R E N S A
N A C I O N A L

© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO



ISBN 978-972-27-3062-4



9 789722 730624

IMPRESA
NACIONAL

INSTITUTO NACIONAL DE INVESTIGACIÓN Y PROMOCIÓN COMERCIAL